

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELotas
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FaE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO

**AQUISIÇÃO DOS DITONGOS ORAIS MEDIAIS NA ESCRITA
INFANTIL: UMA DISCUSSÃO ENTRE
ORTOGRAFIA E FONOLOGIA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Mestrando: Marco Antônio Adamoli

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Ruth Moresco Miranda
Linha de Pesquisa – Formação docente: Ensino, Aprendizagem e Conhecimento.

Pelotas
2006

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, professora Dr^a Ana Ruth Moresco Miranda, por todo o conhecimento partilhado, pelas leituras críticas, pelas sugestões e pelas sábias palavras que concretizaram este trabalho.

Às professoras da Banca de Qualificação, Dr^a Carmen Lúcia Matzenauer (UCPel) e Dr^a Leonor Scliar-Cabral (UFSC), pela leitura atenta e pelas importantes sugestões oferecidas para o desenvolvimento e aprimoramento desta dissertação.

Ao professor Dr^o Luís Isaías Centeno do Amaral, pelo auxílio com o programa computacional utilizado para análise dos dados desta dissertação.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado em Educação – da Universidade Federal de Pelotas, pela possibilidade de ter contribuído para o meu crescimento.

À equipe diretiva da Escola Estadual de Ensino Médio Dr^o Antônio Leivas Leite, especialmente às professoras Marilena Abud, Vera Furtado, Leila dos Anjos e Georgete Lima, pelas diversas formas de apoio que me dispensaram na trajetória deste trabalho.

Aos meus colegas do Curso, especialmente, Cláudia, Ana Paula, Marisa, e Lúcia, pela amizade e pelo companheirismo.

A Mauro Pacheco e Éder Peres, pela confecção dos gráficos, tabelas e figuras desta dissertação.

À professora e amiga Ida Marins, pela confecção do *abstract*.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

Este estudo descreve e analisa o processo de aquisição gráfica dos ditongos orais mediais a partir da análise de 947 textos produzidos espontaneamente por crianças pertencentes às duas primeiras séries do ensino fundamental de duas escolas, uma pública e uma particular, da cidade de Pelotas/RS. Em um primeiro momento, é realizada a descrição e a análise dos dados, com base em resultados estatísticos obtidos a partir da utilização do programa computacional GOLDVARB 2001, que selecionou as variáveis lingüísticas e extralingüísticas mais relevantes para esta pesquisa. É realizada também, qualitativamente, a análise de um fenômeno observado nos textos infantis – os casos de supergeneralização. Logo após, é discutida a influência das variáveis *contexto seguinte* e *tipo de escola*, como também os casos de supergeneralização. O estudo revelou que os ditongos *ai*, *ei* e *ou*, igualmente ao que ocorre na língua oral, foram os grupos vocálicos que mais sofreram alterações gráficas, principalmente no que diz respeito à omissão das semivogais. Além disso, os dados mostraram que as variáveis *contexto seguinte* e *tipo de escola* foram as que mais influenciaram a supressão das semivogais dos ditongos orais mediais na escrita infantil.

Palavras-chave: aquisição da escrita, aquisição gráfica dos ditongos orais mediais, fonologia, ensino-aprendizagem.

Fonte: ADAMOLI, Marco Antônio. **Aquisição dos ditongos orais mediais na escrita infantil: uma discussão entre ortografia e fonologia.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UFPel. Pelotas, 2006.

ABSTRACT

This study describes and analyses the process in writing acquisition of the medial oral diphthongs from the analysis of 947 texts produced spontaneously by children from the 1 and 2 grade of fundamental education in a public and a private school, both in Pelotas/RS. At first, the description and the analysis of the data is realized through statistical results obtained from the computational program – GOLDVARB 2001. This program selected the most relevant linguistic and extra-linguistic variants for this search. It is also realized the analysis of a phenomenon that was observed in the childish texts – the super-generalization's cases. After that, it is discussed the influence of the variants – following context and type of school as well as the cases of super-generalization. The study showed that the diphthongs *ai*, *ei* and *ou*, just like occurs in oral language, were the vocal groups which presented more writing changes, mainly of omission of the semivowels. In addition, the data showed that the variants – following context and type of school had a great influence in the suppression of the semivowels of the medial oral diphthongs in the childish writing.

Key Words: writing acquisition, writing acquisition of medial oral diphthongs, phonology, teaching/learning.

Fonte: ADAMOLI, Marco Antônio. **Aquisição dos ditongos orais mediais na escrita infantil: uma discussão entre ortografia e fonologia.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UFPel. Pelotas, 2006.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	viii
LISTA DE QUADROS	x
LISTA DE GRÁFICOS	xi
1 INTRODUÇÃO	12
2 APORTE TEÓRICO	19
2.1 Aspectos da aquisição da linguagem escrita	19
2.1.1 Sistema gráfico e sistema ortográfico	24
2.2 O ditongo em português	26
2.2.1 Ditongo fonológico e ditongo fonético	29
2.2.2 O ditongo na variação	34
2.2.3 O ditongo na aquisição da fonologia	37
2.2.4 O ditongo na aquisição da escrita	40
3 PERCURSO METODOLÓGICO	46
3.1 Descrição geral da metodologia.....	46
3.2 Os sujeitos	47
3.3 Os textos	47
3.3.1 Coleta dos textos do Banco	47
3.3.2 Levantamento dos dados referentes à grafia dos ditongos	50
3.4 O Pacote GOLDVARB 2001	51
3.5 Definição operacional das variáveis	52
3.5.1 Variável dependente	52

3.5.1.1 Grafia dos ditongos ou monotongação	53
3.5.2 Variáveis independentes lingüísticas	53
3.5.2.1 Tipo de ditongo	53
3.5.2.2 Contexto fonológico seguinte	54
3.5.2.3 Tonicidade.....	55
3.5.2.4 A variável <i>categoria morfológica</i>	55
3.5.3 Variáveis independentes extralingüísticas	56
3.5.3.1 Escola	56
3.5.3.2 Série	57
3.5.3.3 Sexo	57
3.6 Preparação e codificação dos dados	58
3.6.1 Os arquivos de dados	60
4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	61
4.1 Descrição e análise geral dos dados	62
4.2 Resultados referentes à primeira rodada dos dados	64
4.2.1 A variável <i>contexto seguinte</i>	64
4.2.2 A variável <i>categoria morfológica</i>	67
4.2.3 A variável <i>tipo de escola</i>	68
4.3 Descrição e análise dos dados dos ditongos <i>ai, ei, ou</i> e <i>éu</i>	70
4.3.1 O ditongo <i>ai</i>	70
4.3.1.1 A variável <i>tonicidade da sílaba</i>	72
4.3.1.2 A variável <i>sexo</i>	72
4.3.1.3 A variável <i>tipo de escola</i>	73
4.3.1.4 A variável <i>série</i>	74
4.3.2 O ditongo <i>ei</i>	75
4.3.2.1 A variável <i>contexto seguinte</i>	76
4.3.2.2 A variável <i>tipo de escola</i>	78
4.3.2.3 A variável <i>tonicidade da sílaba</i>	78
4.3.2.4 A variável <i>categoria morfológica</i>	80
4.3.3 O ditongo <i>ou</i>	81
4.3.3.1 A variável <i>contexto seguinte</i>	82
4.3.3.2 A variável <i>tipo de escola</i>	84
4.3.3.3 A variável <i>série</i>	85

4.3.4 Ditongo <i>éu</i>	87
4.4 Os casos de supergeneralização	89
5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	93
5.1 Discussão das variáveis <i>contexto seguinte</i> e <i>tipo de escola</i>	93
5.1.1 A variável <i>contexto seguinte</i>	93
5.1.1.1 O ditongo <i>ei</i>	95
5.1.1.2 O ditongo <i>ou</i>	103
5.1.2 A variável <i>tipo de escola</i>	105
5.2 Os casos de supergeneralização	108
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
7 REFERÊNCIAS	117

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Freqüência de produções e não-produções dos diferentes tipos de ditongos	62
TABELA 2	Efeito da variável <i>contexto seguinte</i> na supressão das semivogais dos ditongos ‘ai’, ‘ei’ e ‘ou’	65
TABELA 3	Efeito da variável <i>categoria morfológica</i> na supressão das semivogais dos ditongos ‘ai’, ‘ei’ e ‘ou’	68
TABELA 4	Efeito da variável <i>tipo de escola</i> na supressão das semivogais dos ditongos ‘ai’, ‘ei’ e ‘ou’	69
TABELA 5	Efeito da variável <i>tonicidade da sílaba</i> na supressão da semivogal do ditongo ‘ai’	72
TABELA 6	Efeito da variável <i>sexo</i> na supressão da semivogal do ditongo ‘ai’	73
TABELA 7	Efeito da variável <i>tipo de escola</i> na supressão da semivogal do ditongo ‘ai’	73
TABELA 8	Efeito da variável <i>série</i> na supressão da semivogal do ditongo ‘ai’	74
TABELA 9	Efeito da variável <i>contexto seguinte</i> na supressão da semivogal do ditongo ‘ei’	77
TABELA 10	Efeito da variável <i>tipo de escola</i> na supressão da semivogal do ditongo ‘ei’	78
TABELA 11	Efeito da variável <i>tonicidade da sílaba</i> na supressão da semivogal do ditongo ‘ei’	79
TABELA 12	Efeito da variável <i>categoria morfológica</i> na supressão da semivogal do ditongo ‘ei’	80
TABELA 13	Efeito da variável <i>contexto seguinte</i> na supressão da semivogal do ditongo ‘ou’	82

TABELA 14 Efeito da variável <i>tipo de escola</i> na supressão da semivogal do ditongo 'ou'.....	84
TABELA 15 Efeito da variável <i>série</i> na supressão da semivogal do ditongo 'ou' ..	85
TABELA 16 Cruzamento das variáveis <i>tipo de escola</i> e <i>série</i>	86
TABELA 17 Efeito da variável <i>série</i> na supressão da semivogal do ditongo 'éu' ..	88

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 Ordem de surgimento dos ditongos crescentes segundo Bonilha (2000)	38
QUADRO 2 Coleta dos dados na Escola Pública	48
QUADRO 3 Coleta dos dados na Escola Particular	48
QUADRO 4 Relação <i>número de textos/dados</i> por tipo de escola	51
QUADRO 5 Casos de supergeneralização envolvendo os três tipos de ditongos fonéticos	90

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 Efeito do cruzamento das variáveis tipo de escola e série	87
GRÁFICO 2 Percentuais de monotongação dos ditongos 'ei' e 'ou' na escrita infantil considerando-se a variável <i>contexto seguinte</i>	94
GRÁFICO 3 Percentuais de monotongação do ditongo 'ei' na escrita infantil considerando-se a variável <i>contexto seguinte</i>	95
GRÁFICO 4 Influência da <i>sonoridade</i> na supressão da semivogal do ditongo 'ei' na escrita infantil	99
GRÁFICO 5 Percentuais de monotongação do ditongo 'ou' na escrita infantil considerando-se a variável <i>contexto seguinte</i>	103
GRÁFICO 6 Influência da <i>sonoridade</i> na supressão da semivogal do ditongo 'ou' na escrita infantil	104
GRÁFICO 7 Efeito da influência da variável <i>tipo de escola</i> na supressão da semivogal do ditongo 'ou' na escrita infantil	105

1 INTRODUÇÃO

O tratamento tradicional que um grande número de educadores vem, há muito, dando aos estudos das produções escritas infantis, no que diz respeito à ortografia nas primeiras séries do ensino fundamental, tem se restringido, mesmo depois da proposta psicogenética de Ferreiro e Teberosky (1999), basicamente à classificação de formas consideradas certas ou erradas. Essa visão equivocada - segundo a qual a criança, ao redigir seus textos, comete erros, os quais são tidos como prejudiciais ao seu desenvolvimento - tem acarretado graves conseqüências ao ensino, visto que os professores dessas séries não levam em conta as motivações infantis que podem estar interferindo quando da escolha por uma determinada forma gráfica.

Não bastasse isso, a falta de conhecimentos técnicos sobre a língua por parte do professor alfabetizador, necessários para dar conta dos variados fenômenos lingüísticos próprios do processo de alfabetização, aliada à idéia equivocada de que a criança comete erros em suas produções escritas - e esses erros são, como dito anteriormente, nocivos ao aprendizado da escrita -, têm contribuído para o insucesso escolar de milhares de crianças brasileiras, sobretudo aquelas das primeiras séries do ensino fundamental e aquelas pertencentes às classes mais populares.

O educador, muitas vezes, sem uma base científica para compreender as motivações infantis e, a partir disso, procurar resolver os problemas detectados na escrita das crianças, acaba fazendo um trabalho baseado naquilo em que ele acredita ser certo ou errado, e ignora, conseqüentemente, o fato de os alunos também produzirem conhecimento e fazerem reflexões ao escreverem. Da mesma forma, ignora o fato de as crianças, antes mesmo de ingressarem

na escola, já carregarem um considerável conhecimento lingüístico inconscientemente nos seus atos de comunicação cotidianos, conforme mencionam Ferreiro e Teberosky (1999).

A constatação de Ferreiro e Teberosky (1999) sobre a questão de as crianças apresentarem hipóteses sobre a escrita antes mesmo de ingressarem na escola é também uma afirmação um tanto difícil de ser assimilada pelos professores alfabetizadores, já que estes consideram, na grande maioria das vezes, a aprendizagem da escrita como um processo cujo desenvolvimento se dê única e exclusivamente por meio do contato direto entre os dois agentes envolvidos nesse processo, o professor e o aluno, e cujo espaço de obtenção do conhecimento seja somente o da sala de aula.

Diante dessas e de outras constatações que subjazem ao período da aquisição da escrita infantil, a escolha pelo tema a ser abordado neste estudo tem sua principal justificativa no interesse particular pelas áreas da alfabetização e lingüística, especialmente por uma sub-área dessa última – a Fonologia. Acredita-se que os estudos fonológicos possam, de fato, oportunizar significativas contribuições para a discussão relativa a algumas questões a respeito desse período tão importante que é o da aquisição da escrita, principalmente porque podem elucidar muitos problemas decorrentes do processo de transferência da língua oral à língua escrita, segundo comprovaram em seus estudos Abaurre (1987, 1999) e Cunha (2004). E, desta forma, podem oferecer fortes subsídios aos educadores, no sentido de instrumentalizá-los a fim de, conforme se refere Lemle (2004), *diagnosticar e avaliar as falhas da escrita cometidas por seus alunos, aproveitando-as como evidência do patamar de saber já atingido e do ainda por atingir*.

Além da interface entre as áreas referidas, outra justificativa para a escolha desse tema encontra-se no propósito de se estar contribuindo para com discussões que ora se mostram um tanto quanto limitadas nos estudos sobre alfabetização, ainda que se venha observando, nesses últimos anos, um aumento considerável na produção científica dessa área, aumento esse originado provavelmente pelo fato de ser notória, como se disse anteriormente,

a gravidade do fracasso em alfabetizar constatado principalmente nas classes mais populares.

Por caracterizar-se como um momento particularmente complexo para a criança que está em fase de alfabetização, a produção escrita desse período constitui um material lingüístico extremamente interessante para fins de análise, se se quiser entender um pouco melhor como ela processa o conhecimento que está adquirindo e como o representa nas suas primeiras produções escritas. Ao observarem-se textos produzidos por alunos de 1ª e 2ª séries do ensino fundamental de duas escolas da cidade de Pelotas/RS, constatou-se uma grande quantidade de erros¹ ortográficos de naturezas diversas relacionadas à grafia dos ditongos orais, nos quais as crianças ora omitiam as semivogais 'i' e 'u', ora adicionavam tais segmentos, ora, ainda, as substituíam por consoantes, como bem revelam os textos abaixo, transcritos tal qual foram produzidos:

Texto 1 (2ª série – escola pública)

Chico Bento em O espantalho
 O chico bento foi planta feijão
 Cando ele **oviu** 4 passarinhos
 Os passarinhos **voltario** e ele
 foi planta em **oto** lugar condo
 tenve uma ideia foi fazer
 um espantalho para os passa
 rinhos não incomondo mais
 e ele foi colocara ele lá codo
 Os passarinhos **fouro** e ter
 Ele se asostou vom o espantalho
 E se escondeu e **dexou** ali a
 maxada e **fico** com mendo

Texto 2 (1ª série – escola particular)

Era uma vez uma bruxa que
 gostava muito custurava muito
ropa e siagaxou para **boutar**
 no gato e ele ficou bonito
 e a buxa **goustou** e ele fez
 uma mágica e ele ficou mais
 bonitu ficou mais QUORTI

¹ A palavra “erro” estará sendo usada a partir de agora segundo a concepção piagetiana de “erro construtivo”, a qual considera o erro como parte imprescindível do processo de aprendizagem e como fase de experimentação por parte da criança.

A leitura desses dois textos permite que se constatem instigantes questões envolvendo a grafia dos ditongos, revelando a ambigüidade gerada por essa estrutura para os pequenos aprendizes bem como a dificuldade que possuem quanto à grafia desses constituintes silábicos. Em formas como 'goustou', 'boutou' e 'fourou', por exemplo, verificam-se casos de supergeneralização, que podem estar sendo motivados tanto pela incorporação de modelos da escrita aos quais estão expostos, como também pela interferência do próprio professor. Visto que as crianças, aos 6 ou 7 anos, não produzem essas palavras com em sua fala, os exemplos citados são detectados basicamente na forma escrita. Verificam-se, também, nas grafias infantis, palavras nas quais os alunos suprimem² as semivogais 'i' e 'u' dos ditongos orais mediais 'ai', 'ei' e 'ou', como em 'ropa', 'oviu', 'otro' e 'dexou', ou a semivogal 'u' em final de formas verbais, como em 'fico', tal qual o fazem na língua falada.

Devido à sua natureza controversa, os ditongos, especialmente os fonéticos [aj], [ej] e [ow], vêm sendo alvo de discussões envolvendo diferentes áreas da lingüística. Dos estudos variacionistas, das recentes teorias fonológicas ou mesmo dos estudos da aquisição, seja da linguagem oral ou escrita, têm surgido diversas análises que resultam em um vasto material sobre o tema. Entretanto, mesmo com todo o material produzido sobre esses grupos vocálicos, muitas questões permanecem em aberto.

Muito embora existam diversos trabalhos que abordem a questão da supressão das semivogais dos ditongos na fala dos brasileiros das mais diferentes regiões do Brasil (MENEHINI, 1983; CABREIRA, 1996; PAIVA, 1996; RANGEL, 1997; ARAÚJO, 2000), escassos são os que tratam de tal assunto na escrita, merecendo destaque aí os trabalhos de Alvarenga et al (1989), Mollica (1998) e Rocha (1998). A quantidade e a variedade de formas diversas para a grafia dos ditongos, observadas nos textos infantis, ensejaram, então, a opção por pesquisar um assunto a respeito do qual, conforme dito

² Os termos **supressão** e **monotongação** estarão sendo usados nesta dissertação para fazer referência à redução da seqüência vocálica na escrita, o que não implica dizer que estejam sendo considerados como fonológicos os ditongos fonéticos.

anteriormente, não são encontrados, na literatura da área, estudos que o descrevam detalhadamente.

Baseando-se nos dados encontrados e com o propósito de contribuir para com a discussão a respeito da aquisição do ditongo na escrita, este trabalho tem como objetivo descrever e analisar o processo de aquisição gráfica dos ditongos orais mediais nas produções infantis das duas primeiras séries do ensino fundamental e discutir, a partir dos dados encontrados, algumas questões pertinentes à fonologia do português.

Esta Dissertação de Mestrado, com base nas constatações feitas acima, tem como objetivos específicos:

- a) descrever o processo de aquisição gráfica dos diferentes tipos de ditongos orais mediais;
- b) analisar a interferência, sobre a aplicação da regra da monotongação, de fatores lingüísticos – como *tipo de ditongo, tonicidade, categoria morfológica e contexto fonológico seguinte* – e extralingüísticos, como *sexo, série e tipo de escola*;
- c) contribuir, a partir dos resultados obtidos nesse estudo, para a discussão acerca da natureza dos ditongos orais mediais na fonologia da língua;
- d) oferecer subsídios ao professor alfabetizador para a melhor compreensão do processo de ensino-aprendizagem da ortografia do português, especialmente com relação aos ditongos mediais.

A fim de atingir esses objetivos, algumas hipóteses nortearam a pesquisa, a saber:

- a) As crianças, nas primeiras produções escritas, tendem a suprimir a representação das semivogais ‘i’ e ‘u’ de determinados ditongos tal qual o fazem na língua falada;

- b) Há diferença no processo de aquisição gráfica do ditongo em função de seu tipo, isto é, da qualidade das vogais envolvidas;
- c) A criança trata diferentemente, na escrita, os verdadeiros ditongos (fonológicos) e os falsos ditongos (fonéticos);
- d) Os dados da escrita podem contribuir para as discussões a respeito da natureza dos ditongos orais mediais.

Este estudo compreende, além do primeiro capítulo – *Introdução* -, outros cinco, os quais poderão vir divididos em seções e subseções. Na introdução, como pôde se observar, é realizada uma breve apresentação das razões que motivaram o desenvolvimento deste estudo, bem como os objetivos e as hipóteses que o nortearam.

O segundo capítulo – *Aporte Teórico* – vem dividido em duas seções. A primeira, intitulada *Aspectos da aquisição da linguagem escrita*, aborda alguns aspectos que envolvem o processo de aquisição da língua escrita. Dividida em cinco subseções, a segunda parte do referencial teórico traz uma revisão de estudos sob diferentes perspectivas concernentes aos ditongos do português brasileiro.

O capítulo subsequente – *Percurso Metodológico* – propõe-se a apresentar os procedimentos metodológicos empregados ao longo da pesquisa: os critérios de seleção dos sujeitos e dos dados referentes à grafia dos ditongos; os instrumentos utilizados para coleta dos dados; as variáveis lingüísticas e extralingüísticas que foram controladas para a descrição dos ditongos; e, por fim, uma breve descrição acerca do programa estatístico utilizado para analisar as variáveis.

A descrição e análise dos dados considerados para a pesquisa referentes à grafia dos ditongos orais mediais encontram-se no quarto capítulo.

O quinto capítulo trata da discussão relativa às duas variáveis que se mostraram relevantes para a supressão das semivogais dos ditongos orais mediais e também dos casos de supergeneralização.

Finalmente, no sexto capítulo, são feitas as considerações finais a respeito do trabalho realizado.

2 APORTE TEÓRICO

2.1 Aspectos da aquisição da linguagem escrita

De acordo com a tese inatista proposta por Chomsky (1968), o ser humano já vem programado biologicamente para desenvolver determinados tipos de gramática. Embora de grande importância para a discussão acerca da aquisição da linguagem oral, a tese chomskyana não tem, segundo Kato (2002, p. 101), relevância alguma para a aprendizagem da escrita, uma vez que essa não pode ser postulada como inata ao ser humano, dado o fato de existirem várias comunidades espalhadas pelo mundo que não conhecem a escrita. Além disso, é sabido também que as teorias formuladas, cuja finalidade é dar uma explicação à aquisição da linguagem, têm como idéia básica a questão específica da sua aquisição natural, e não, pois, com o estudo da aquisição da língua escrita.

Conforme mencionou Kato (2002), a aprendizagem da escrita realmente não pode ser concebida como algo que já vem programado na mente do ser humano. Não se pode negar, porém, que, ao se apropriar da escrita, a criança lança mão do conhecimento que possui sobre o sistema fonológico de sua língua, utilizando-o, muitas vezes, como uma referência durante o processo de desenvolvimento da escrita. Por esse motivo, estudos que procuram estabelecer relações entre a ortografia e o conhecimento fonético/fonológico têm trazido contribuições significativas tanto para a compreensão do processo de aquisição da escrita como para a discussão, a partir de dados relacionados à ortografia, de parâmetros relativos à fonética e à fonologia da língua (cf. ABAURRE, 1987,1999; MOLLICA, 1998; VARELLA, 1993; CUNHA, 2004).

Confirmando essa idéia, C. Chomsky (1970, p. 307), embasada na teoria fonológica proposta por Chomsky e Halle (1968), evidencia que “o componente fonológico não mais pode ser ignorado na aquisição da escrita”. Conforme a concepção da autora, “a escrita muitas vezes não é arbitrária, mas corresponde a algo real que a criança já sabe e pode explorar”. Além disso, C. Chomsky (1970) evidencia também que a escrita convencional de palavras corresponde a um nível abstrato subjacente de representação dentro do sistema sonoro da língua.

Ainda que não trate especificamente da questão da aquisição ortográfica em seus trabalhos, visto que o objetivo principal é compreender o desenvolvimento das conceituações infantis sobre a língua escrita, Ferreiro e Teberosky (1999) têm contribuído fundamentalmente com explicações que permitem entender um pouco melhor o percurso pelo qual a criança passa até adquirir a escrita. Uma das contribuições para o campo da alfabetização refere-se à comprovação de que, muito antes mesmo de efetivamente ter contato com a escrita na escola, a criança já demonstra possuir um certo domínio sobre esse novo código do qual irá paulatinamente se apropriar. Ela, então, apresenta tentativas claras de escrever, seja através de traços ondulados ou quebrados, contínuos ou fragmentados, seja através de uma série de pequenos círculos ou mesmo de linhas verticais.

A partir de pesquisa produzida com crianças argentinas, as quais cursavam o jardim e o início da primeira série, as autoras constataram que a aprendizagem da língua escrita se dá pela passagem de vários estágios antes mesmo de ingressarem na escola, portanto, independentemente de qualquer metodologia de ensino utilizada por professores alfabetizadores. Segundo registram Ferreiro e Teberosky (1999), os resultados obtidos através da análise de entrevistas realizadas com as crianças envolvidas e também das produções escritas permitiram documentar a evolução da escrita por meio de cinco estágios sucessivos.

Essas sucessões de etapas por que passa a criança até chegar ao treinamento formal na escola são reveladoras no sentido de que, na concepção

de Ferreiro e Teberosky (1999), “mostram um sujeito que aprende basicamente através de suas próprias ações sobre os objetos do mundo e que constrói suas próprias categorias de pensamento ao mesmo tempo em que organiza seu mundo” .

A fim de compreender como se processa a relação entre esse sujeito e o período da aquisição da escrita, entendendo este como um processo de aquisição de conhecimento, necessário faz-se compreender melhor o alvo sobre o qual incide todo esse processo: o aprendiz. Para tanto, alguns esclarecimentos, com o suporte da teoria piagetiana, são necessários.

Na concepção de Ferreiro e Teberosky (1999), “a teoria de Piaget não é uma teoria particular sobre um domínio particular, mas sim um marco teórico de referência, muito mais vasto, que nos permite compreender de uma maneira nova *qualquer* processo de aquisição de conhecimento”. Nesse sentido, na visão das autoras, “a teoria de Piaget nos permite introduzir a escrita *enquanto* objeto de conhecimento, e o sujeito da aprendizagem, *enquanto* sujeito cognoscente” (p. 31). Este, portanto, é entendido como a criança em fase de aquisição da escrita. Da mesma forma, o objeto de conhecimento a que fazem alusão nada mais é do que a língua escrita.

Tal sujeito é aquele que procura compreender os acontecimentos que se dão à sua volta e que trata de resolver as interrogações diante das quais se encontra. Essa idéia permite que se infira que a criança não irá esperar passivamente que outras pessoas que estão à sua volta lhe transmitam conhecimento. Pelo contrário, ela irá aprender através de suas próprias ações.

Entendida como um processo de obtenção de conhecimento, a concepção da aprendizagem inerente à psicologia genética supõe, necessariamente, a existência de processos de aprendizagem do sujeito que não dependem de métodos. Estes, vistos como ações específicas do meio, podem, segundo Ferreiro e Teberosky (1999), *ajudar ou frear, facilitar ou dificultar; porém não podem criar aprendizagem*. Nesse sentido, a criança irá

obter conhecimento através das suas próprias atividades, das suas experiências pessoais, tornando-a, dessa forma, o centro de todo o processo de aprendizagem. Esse conhecimento é concebido como uma aquisição, e não como um dado inicial. Para as autoras,

o caminho em direção a este conhecimento objetivo não é linear: não nos aproximamos dele passo a passo, juntando peças de conhecimento umas sobre as outras, mas sim através de grandes reestruturações globais, algumas das quais são “errôneas” (no que se refere ao ponto final); porém “construtivas” (na medida em que permitem aceder a ele) (1999, p. 33).

Presente aí está uma idéia que subjaz à teoria piagetiana e que é de extrema importância para compreender-se o processo de aquisição da língua escrita: a noção de erro construtivo. Como já foi brevemente discutido na introdução deste trabalho (pág. 12), o erro, que está subjacente, pois, ao processo de aquisição da escrita, não é aceito na prática pedagógica, uma vez que, tradicionalmente, a maioria deles é interpretada pelos professores como *problemas de ortografia*. Conseguir captar a diferença dentre os erros das crianças àqueles que constituem pré-requisitos necessários ao acerto da resposta é outra idéia básica da teoria de Piaget.

O exemplo citado na introdução (pág. 15) acerca da supergeneralização encontrada na grafia das palavras ‘goustou’ e ‘fourou’ revela, certamente, um caso de erro construtivo, pois evidencia o instante em que a criança generaliza uma regra já inferida, a saber, o grupo vocálico ‘ou’, em palavras como ‘couro’ e ‘pouco’, por exemplo, não é pronunciado, mas é escrito.

Uma discussão encontrada na literatura, a qual tem causado divergência entre autores, diz respeito à possível influência que a língua falada poderia estar exercendo sobre a criança quando das primeiras produções escritas. É sabido que a aprendizagem da língua escrita é posterior à da falada: aproximadamente aos 5 ou 6 anos é que a criança acaba tendo um contato mais sistemático, seja em casa, através do auxílio dos pais, seja na escola, por meio do ensino formal com o professor.

Sobre a possibilidade de a língua falada influenciar a criança no momento em que está adquirindo a escrita, Moreira e Pontecorvo (1996) assim se manifestam:

Tendo construído a hipótese alfabética, a criança já esteve exposta a informações suficientes sobre letras e sons para reconhecer que as unidades e seqüências fônicas não são escritas tal como são percebidas através do *input* oral. Com a acuidade com que percebe os sons da fala – que também depende da pouca interferência da representação escrita da língua –, é evidente que a criança, assim como identifica diferenças sutis entre sons, também reconhece na fala a alofonia, as junturas e as variações morfo-fonêmicas delas resultantes, para não falar de todas as outras características não incorporadas pela escrita: acento, ritmo, entonação, intensidade, timbre, altura. Assim, falar que a criança tenta traduzir a pronúncia em grafias é, no mínimo, uma ingenuidade (p. 119).

A respeito da relação oralidade/escrita, Abaurre (1999, p. 172) também diz ser ingênua a afirmação “*segundo a qual as crianças procurariam produzir uma escrita ‘colada’ na oralidade, de forma a representar, através das letras, os próprios sons da fala*”. Para argumentar a favor dessa afirmação, a autora se vale de um fato verificado em um texto infantil no qual uma criança da pré-escola produz várias tentativas para representar a sílaba inicial da palavra **mu**ito.

A partir desse dado, Abaurre (op. cit., p. 174) formula a hipótese que, se verdadeira, daria uma explicação ao fato de a criança ter dúvida quanto à grafia da referida palavra: *a modalidade escrita é espontânea em relação à modalidade oral, mas, em certas circunstâncias, pode haver uma interação entre os fatos da oralidade e as formas que assume a escrita*. No entender de Abaurre, *essa hipótese prevê apenas a possibilidade de algum “vazamento” do oral para o escrito, algo que pode escapar completamente às intenções e ao controle de quem escreve*. A autora, todavia, não apresenta explicações para os fatores que poderiam estar desencadeando o “vazamento” a que se refere da língua falada para a escrita.

Mesmo a criança percebendo que está tratando com objetos distintos, é indiscutível que a fala exercerá, como menciona Kato (2002), uma influência considerável na aquisição da escrita, uma vez que a *percepção das*

propriedades de um objeto torna-se mais fácil quando o confrontamos com outro objeto de natureza semelhante.

2.1.1 Sistema gráfico e sistema ortográfico

Um dos aspectos característicos do início da alfabetização diz respeito à questão de a criança se deparar com algumas dificuldades centradas nas grafias que correspondem aos diversos valores sonoros, ou, inversamente, nas distintas grafias que correspondem a um mesmo valor sonoro (FERREIRO TEBEROSKY, 1999). A relação entre letras e fonemas é, para o aprendiz, bastante complicada, já que o sistema ortográfico do português não é baseado nos sons que os falantes produzem.

Tal constatação pode ser comprovada pelo fato de o português possuir variadas grafias para representar um mesmo som. O exemplo mais ilustrativo refere-se ao fonema / s /, que pode ser representado graficamente por **s**, **ç**, **x**, **xc**, **c**, **ss**, **sc** e **xç**. Ao contrário, uma mesma letra pode representar mais de um som, como é o caso de **s**, em ‘saco’ e ‘vaso’, por exemplo.

No início da alfabetização, conforme observa Faraco (2001), não há grafia fácil ou difícil para a criança, porque tudo é igualmente difícil para ela. Com isso, é natural que apareçam erros de diferentes naturezas em sua escrita. Sobre esses problemas detectados no início da alfabetização, Faraco (2001) assim se manifesta:

Os “erros” observados na grafia dos alunos devem ser encarados como parte do processo de internalização do sistema. Em geral, esses erros são perfeitamente previsíveis e decorrem, em boa parte, das próprias características do sistema gráfico e da hipótese generalizante de que há correlações uniformes e biunívocas entre letras e sons.

Importante faz-se mencionar o que dizem Moreira e Pontecorvo (1996) a respeito dos erros cometidos nesse período: “as crianças podem infringir o

sistema ortográfico, mas dificilmente irão transgredir o sistema gráfico de sua língua”. Gak (apud MOREIRA e PONTECORVO, 1996, p. 78) refere-se ao *sistema ortográfico* como aquele que se relaciona às regras que determinam “o emprego das letras segundo as circunstâncias” e ao *sistema gráfico* como aquele que diz respeito aos “meios de que uma língua dispõe para exprimir os sons”, estabelecendo, dessa forma, relações abstratas entre sons e letras.

O surgimento de determinadas consoantes no final de palavras, como **j**, **f**, **q**, **b**, **v**, ou o emprego de determinadas relações entre letras e sons as quais não pertencem ao inventário das correspondências previstas no português, como *ti* representando o som [tɰ], constituiriam, segundo observação de Moreira e Pontecorvo (1996), casos de transgressão gráfica ao português. A criança que substitui o dígrafo *ch* pela letra *x*, como em ‘xave’, por exemplo, está cometendo um erro ortográfico, mas que não afeta o sistema gráfico do português. As autoras dizem ainda que “são muito reduzidas as ocorrências de violações gráficas entre crianças que já compreenderam o sistema alfabético de escrita”.

Conforme refere-se Gak (apud MOREIRA e PONTECORVO, 1996), a ortografia de uma palavra pode ser justificada sob o ponto de vista dos seguintes princípios:

O *fonético-gráfico*, que visa a representar, de acordo com os recursos gráficos da língua, os seus sons, admitindo assimetrias nessa representação, na condição de serem elas regulares e determinadas pelo ambiente; o *morfológico*, que consiste em dar a mesma forma gráfica a um morfema, independentemente das alternâncias que o possam afetar na derivação; o *etimológico*, que visa a reproduzir as grafias próprias das respectivas línguas de onde se originaram as palavras em questão; o da *diferenciação*, que serve para distinguir homônimos (pág. 82).

Quando escreve, a criança, então, evidencia o seu conhecimento lingüístico, que é construído por informações fonético-fonológicas, gramaticais, semânticas e lexicais as quais entram em jogo juntamente com as informações sobre letras e combinações de letras que são advindas da própria exposição à escrita.

2.2 O ditongo em Português

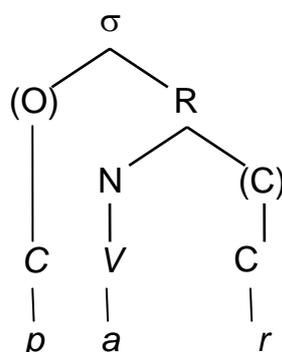
Uma revisão nas gramáticas da língua portuguesa revela a falta de uniformidade quanto à terminologia adotada por parte de alguns gramáticos para tratar dos ditongos. Para Rocha Lima (1959), por exemplo, existem, no português, ditongos verdadeiros (decrecentes), estáveis (crescentes) e instáveis (aqueles em cuja pronúncia há flutuação). Pereira (1957), ao classificá-los como aqueles que possuem som vocálico duplo, chama a vogal e a semivogal que os compõem de, respectivamente, prepositiva e subjuntiva. Também entre autores há divergência no que diz respeito à existência de ditongos crescentes na língua (CAMARA Jr., 1977; BISOL, 1994; COUTO, 1994) e à posição assumida pelo glide na estrutura silábica (CAMARA Jr., 1977; BISOL, 1994).

As gramáticas mais recentes limitam-se em classificá-los como “um grupo formado por uma vogal seguido de uma semivogal ou vice-versa, na mesma sílaba, podendo ser crescentes ou decrecentes, orais ou nasais.” Coutinho (1976) define ditongo como “a combinação de duas vogais na mesma sílaba, das quais a mais fechada é a semivogal. Para o autor, “ao passo que os decrecentes são sempre ditongos, a grande maioria dos crescentes não passa de verdadeiros hiatos, ao menos na pronúncia do Brasil”. Observa também que “em sílabas átonas finais quase não se distingue o elemento mais forte, isto é, qual a vogal do ditongo”. Isso se verifica, por exemplo, em palavras como **série**, **espécie**, **gêmeo**, **área**, etc. Em tais casos, o segundo elemento, geralmente o de maior abertura, é a vogal.

A sílaba do português, conforme Collischonn (1996, p. 96), consiste em um ataque (A) e em uma rima; esta, por sua vez, consiste em um núcleo (Nu) e em uma coda (Co). A autora diz que qualquer categoria pode ser vazia, menos o Nu. A vogal, assim como em quase todas as línguas, é o único elemento essencial à formação de uma sílaba, por isso se diz que ela constitui o *núcleo* dessa estrutura.

De acordo com a abordagem métrica, a sílaba apresenta uma estrutura interna, a qual pode ser representada da seguinte maneira (1):

(1)



Uma vez que o núcleo da sílaba do português será sempre ocupado por uma vogal, as consoantes à sua margem ocuparão posições de *onset* e/ou *coda*.

Na concepção de Camara Jr. (1977), o núcleo poderá ser ramificado, constituindo-se de uma vogal silábica e de uma vogal assilábica, de cuja união originará um ditongo decrescente. A seqüência de uma vogal silábica, / a /, / e / e / o /, seguida de uma vogal assilábica, / j / e /w/, é interpretada, por esse autor, como um ditongo decrescente. O segmento que é considerado uma vogal silábica é aquele que recebe proeminência acentual, podendo constituir uma sílaba independente. Processo igual não ocorre com a vogal assilábica, também conhecida como semivogal ou glide, a qual não pode constituir pico silábico. O autor enumera 11 ditongos orais decrescentes em português, a saber (2):

(2):

/ aj / - vai	/ aw / - au-to	/ uj / - fui
/ ej / - lei-te	/ ew / - meu	
/ Ew / - céu	/ Ej / - anéis	
/ iw / - sa-iu	/ oj / - oi-to	
/ ow / - ou-ro	/ □j / - dói	

A seqüência [ɹw] é mencionada pelo autor apenas com a vocalização do /l/ pós-vocálico, como em *sol*, cuja pronúncia é [sɹw].

Quanto à posição que o glide irá assumir na estrutura da sílaba, há, na literatura, pelo menos, duas posições distintas. Camara Jr. (1972) diz que ele está situado em núcleo complexo. Ao questionar se o padrão dos ditongos decrescentes seria VC ou VV, e aceitando a possibilidade VV como melhor, pois VV pressupõe uma sílaba aberta, o autor se vale de alguns argumentos para justificar sua posição. O primeiro diz respeito ao fato de a consoante “r” manifestar-se como branda depois de ditongo, como em *au[r]ora – eu[r]opeu*, evidenciando que a sílaba com o ditongo não é travada, ao contrário de *ls[r]ael*, por exemplo, em que o “r” se apresenta como forte depois de uma sílaba travada.

Outras justificativas referem-se: (i) à facilidade com que se passa de um ditongo a um monotongo, como em p[ej]xe – p[e]xe; (ii) à variação livre da divisão silábica na seqüência átona de vogal + vogal alta (*vai-da-de* ou *va-i-da-de*); e (iii) ou à fácil passagem de / i / assilábico para / ê / em *papa[e]*. Essas são, pois, as evidências que levam Câmara Jr. à conclusão de que os dois elementos V estão ligados ao núcleo.

Todavia, para Bisol (1989), a semivogal ocupa a posição da consoante, ficando, portanto, na coda silábica. Nesse caso, as semivogais [j] e [w] comutam com consoantes (*mar*, *mau*). Na subjacência, todas as semivogais são vogais, não distintas das vogais altas. Estas, então, tornam-se glides durante o processo de silabação.

Mesmo tendo posições distintas sobre o posicionamento do glide, Camara Jr. e Bisol compartilham a idéia de que, no português, não há ditongo crescente, ao contrário de Couto (1994), que defende a existência desses constituintes silábicos em nossa língua.

Para justificar a ausência de ditongos crescentes, Bisol (1989) usa o argumento de que, na seqüência GV, o glide normalmente está em variação

livre com a vogal, isto é, hiato e ditongo alternam-se, como em (kiabu ~ kjabu). Camara Jr. considera que, no caso do ditongo crescente, a variação livre entre ditongo e duas sílabas de vogais contíguas (su.ar/suar, su.a.dor/sua.dor) é situação geral.

A seqüência VV, na concepção de Bisol, é “o resultado de ressilabação, não lhe sendo atribuído papel algum no sistema fonológico”. Para a autora, ditongos crescentes são rimas de duas diferentes sílabas na estrutura subjacente (1989: 215).

Por sua vez, ainda que não refute a idéia defendida por Bisol, Couto (1994) argumenta em favor da existência de, pelo menos, um tipo de ditongo crescente em português. Algumas seqüências de segmentos de natureza vocálica que considera como ditongos são exemplificadas em (4):

(4)	<u>id</u> éia	<u>ce</u> ia
	J <u>ud</u> éia	<u>ve</u> ia

O autor interpreta as seqüências sublinhadas em (4) como ditongos crescentes, de maneira que “nesses casos sempre que temos um ditongo decrescente seguido de uma sílaba iniciada por vogal, há como que um eco da vogal adstancial nessa vogal. Com isso a vogal adstancial, ou semivogal, passaria a ser uma espécie de ataque dessa segunda sílaba, tornando-se uma ‘semiconsoante’”.

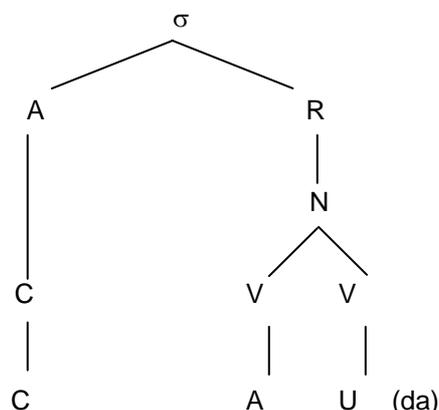
2.2.1 O ditongo fonológico e o ditongo fonético

Bisol (1989) propõe a existência de duas classes de ditongo em português: o ditongo pesado e o ditongo leve, ou, em outros termos, como chama a autora, o verdadeiro e o falso ditongo, respectivamente.

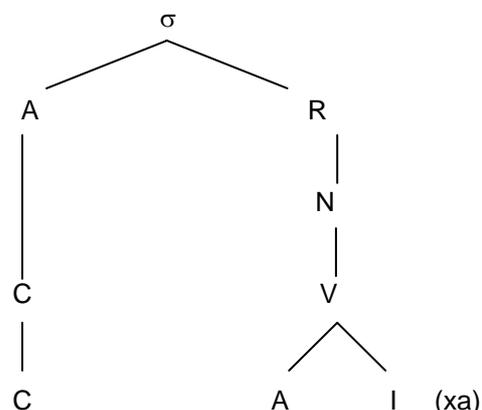
Com base nessa proposta, o ditongo pesado possui duas posições no “tier” da rima, e constitui, por essa razão, uma sílaba complexa, ao passo que o

ditongo leve constitui uma rima simples, sendo criado no “tier” melódico por processos assimilatórios . As estruturas profundas desses dois ditongos estão expressas em (5) e (6):

(5) Estrutura subjacente do ditongo fonológico



(6) Estrutura subjacente do ditongo fonético



Um dos argumentos de que se vale a autora para justificar sua proposta reside no fato de os verdadeiros ditongos formarem pares mínimos com a vogal simples, ao contrário do falso ditongo, o qual irá também alternar com a vogal simples, porém com a diferença de que não irá acarretar mudança de sentido.

Baseando-se em dados de um estudo destinado à análise dos ditongos variáveis, realizado com informantes da cidade de Porto Alegre, Bisol (1994) analisou apenas os resultados da variável ‘contexto seguinte’ e constatou que a ausência do glide era quase categórica, quando a consoante era uma palatal ou vibrante simples. Os altos índices de variantes sem glide permitiram à autora defender a idéia de que, diante dessas consoantes, o ditongo, consagrado pela escrita em muitas palavras, possui apenas uma vogal na forma subjacente. Dessa forma, exemplos como (peixe ~ pexe e feira ~ fera) não possuem, segundo a autora, a vogal alta responsável pelo surgimento do glide.

Para Bisol (1989, 1994), a presença ou a ausência do glide em [vej'Σami] e ['kaΣa], por exemplo, deve-se à presença da consoante palatal¹. Esse fato só é possível devido a um processo assimilatório que se dá no “tier” melódico, em que, segundo a autora, o traço alto da consoante / Σ / é compartilhado por dois segmentos vizinhos.

Valendo-se também da teoria fonológica, proposta por Clements (1991), para explicar o surgimento do glide epentético, Bisol (1994) diz que

a organização dos segmentos em traços hierarquizados, como o modelo propõe, oferece elementos que permitem captar a origem do glide epentético. Acrescenta-se a isso a idéia implícita de que todo processo de assimilação consiste em espraçamento de traços.

Através desse argumento, pode-se explicar o surgimento do glide epentético: o nó *vocálico* que domina o [coronal] e abertura espraia para a esquerda, levando consigo os dominados, conforme representação em (7). É criado, dessa forma, um segmento como um legítimo processo de assimilação. Essa é, para Bisol, a verdadeira origem do glide.

Levando-se em consideração o fato de que assimilações ocorrem somente dentro de um plano, ou seja, entre elementos vizinhos estruturalmente, cada cadeia de elemento com o nó superior que a domina define um plano. Por conseguinte, em (7), o espraçamento do vocálico se dá na direção de PC, sem atravessar linhas de associação.

Uma constatação importante feita por Bisol diz respeito ao fato de que palavras que a escrita consagrou sem ditongo diante de palatal, como ‘vexame’, ‘fechar’, em oposição a ‘deixar’ e ‘paixão’, por exemplo, evidenciam, na fala, um ditongo como forma alternante da vogal só. Não há uma interpretação, para a autora, para a inserção do glide em ‘vexame’ e o

¹ De acordo com a geometria de traços proposta por Clements (1991), palatal - / Σ /, / Z /, / x / e / j / - é uma consoante com articulação secundária, a qual possui tanto os traços consonantais propriamente ditos, quanto os traços vocálicos. Estes podem espraçar, como acontece com o traço secundário da palatal em contexto específico, isto é, precedido de /e/ e /a/ (Collischonn, 1996, p. 118).

Quanto ao ditongo [ow], Camara Jr. (1977, p. 97) já chamava a atenção para o seu status fonológico. Para o autor, “não se mostram diferenças com / o / simples, numa pronúncia espontânea, pois /ow/ é apenas uma variante estilística de / o / e se substitui à vogal simples para efeito de ênfase.”

Alguns estudos sobre o ditongo do português (PAIVA, 1996; CABREIRA, 1996; ROCHA, 1998) mostraram, conforme se verá na subseção a seguir, que a não articulação do ditongo [ow] constitui praticamente uma norma no português falado no Brasil. Todavia, mesmo ocorrendo com grande frequência a vogal simples, como [‘otru] e [tʃi’zora], por exemplo, a forma com a semivogal – [‘owtru] e [tʃi’zowra] – ainda é usada pelos falantes.

Essa estrutura é interpretada por Bisol (1989, p. 213) como um ditongo fonológico, uma vez que pode distinguir palavras, [kowru] x [koru], muito embora a autora reconheça que esse caráter distintivo venha se perdendo entre os falantes. Bisol interpreta a monotongação de [ow] como resultado de uma reanálise, pois, para ela, *porque é substituído pela vogal o em qualquer contexto, parece que os falantes de português (pelo menos no Brasil), o estão realizando como rima de um elemento vocálico* (p. 213)”.

Em certos dialetos, como os das regiões metropolitanas², sobretudo, constata-se a presença disseminada de um outro tipo de ditongo [ow]. É o decorrente da lateral pós-vocálica / l /, o qual resulta em formas como [bowsa] e [rezowvew], por exemplo. Conforme refere Bisol (1989), porque substitui a lateral / l /, o ditongo formado por esse segmento, no entanto, nunca é reduzido, pois a semivogal já tem o seu lugar garantido no “tier” da rima. Cabreira (1996, p. 92), corroborando a afirmação feita por Bisol, também comprovou em seu estudo a tendência dos ditongos formados pela lateral não sofrerem monotongação, já que não foi constatado nenhum caso de supressão da semivogal posterior na descrição por ele realizada.

² Tasca, M. **A lateral em coda silábica no sul do Brasil**. POA: PUCRS (Tese de Doutorado).

2.2.2 O ditongo na variação

Pesquisas variacionistas realizadas acerca da supressão das semivogais [j] e [w] nos ditongos orais decrescentes do português são muitas. Destacam-se, entre outros, os estudos de Meneghini (1983), Cabreira (1996), Paiva (1996) e Araújo (2000). Com base nesses estudos estatísticos, serão trazidas para este trabalho as principais conclusões a que chegaram os autores a respeito do fenômeno da monotongação, o qual é verificado na fala dos brasileiros das mais variadas regiões do país.

As pesquisas dos autores recém referidos sobre a variação lingüística de *aj ~ a*, *ej ~ e* e *ow ~ o* inserem-se na linha dos estudos labovianos, os quais procuram sempre relacionar variáveis lingüísticas com variáveis sociais. Por serem discutidas em todas os trabalhos mencionados, serão apresentados aqui apenas os dados obtidos em função das variáveis lingüísticas *tonicidade* e *contexto fonológico* seguinte ao ditongo.

Dentre os onze ditongos orais decrescentes da língua portuguesa previstos por Camara Jr. (1977), três sofrem, na fala, redução da semivogal: [aj], [ej] e [ow]. Nos demais casos, as semivogais [j] e [w] jamais serão suprimidas, de acordo com os resultados dos estudos de Cabreira (1996) e Meneghini (1983).

A supressão da semivogal [j], no ditongo [ej], tem sido mais amplamente discutida por pesquisadores que se dedicam ao estudo da monotongação, por ser este segmento condicionado por um contexto fonológico seguinte bem mais amplo do que o ditongo [aj], o qual sofre variação somente diante de [Σ], e o do ditongo [ow], que, conforme constatado por Paiva (1996), sofre variação em todos os contextos fonológicos. Enquanto a monotongação de [ej] é analisada por todos os autores citados anteriormente, a seqüência [ow] é discutida por Cabreira, Meneghini e Paiva. O ditongo [aj], por sua vez, é analisado apenas por Meneghini e por Cabreira.

De fato, pode-se constatar através dos resultados das pesquisas realizadas que, em geral, a omissão da semivogal posterior [w] e a supressão da semivogal anterior [j] devem ser analisadas como processos distintos. A supressão de [j], para Paiva (1996), é bem mais restrita, por exemplo, do que a da semivogal [w].

Comparando o perfil do comportamento dessas duas semivogais, Paiva, Meneghini e Cabreira constatam um caráter de maior disseminação da redução do ditongo [ow] em relação ao ditongo [ej]. Prova disso está na diferença considerável entre a percentagem de supressão da semivogal [w] e da semivogal [j] da seqüência: enquanto esta apresentou uma média de 65% de redução, aquela chegou a ultrapassar 96% na fala dos entrevistados.

Em termos gerais, a freqüência de monotongação de [ej] é maior do que a de [aj] e menor do que a de [ow], conforme constatação de Cabreira (1996). É fácil compreender essa freqüência, se se levar em consideração que: (i) o ditongo [ow] sofre monotongação em todos os contextos; (ii) o ditongo [ej] reduz-se a [e] apenas em quatro ambientes³; e (iii) a seqüência [aj] sofre redução apenas diante de um contexto.

O ditongo [ej], como já mencionado, pode ter sua semivogal apagada em três contextos: [r], [Σ] e [Z], como mostram os exemplos em (10):

(10) ['fejra] ~ ['fera], [di'nhejro] ~ [di'xero]
 ['pejΣe] ~ [peΣe], ['fejΣe] ~ ['feΣe]
 [fej'Zãw] ~ [fe'Zãw], ['kejZo] ~ ['keZo]

Ocorre também monotongação de [ej] diante da consoante velar [g]⁴. No entanto, esta se dá apenas na palavra 'manteiga'. Conforme registra Paiva

³ Para Araújo (2000), há ainda outros dois contextos fonológicos que propiciam a monotongação: [n] e [a], como em (treino ~ treno/ meia ~ mea/ veia ~ vea).

⁴ No P.B., existem apenas três palavras com o final *-eigo* (leigo, meigo e taleigo) e quatro com o final *-eiga*: (manteiga, taleiga, teiga e veiga). Desses vocábulos, somente *leigo*, *meigo* e *manteiga* são utilizados com freqüência pelos falantes.

(1996, p. 226), “é fácil verificar que em outras palavras com contexto velar a supressão é bloqueada como em /seku/, seiko, e /megu/, meigo”. Diz ainda a autora que a redução de [ej] nessa palavra parece ser decorrência da sua peculiaridade etimológica, a qual data do período pré-românico, apresentando sempre forte variação dialetal entre presença/ausência da semivogal.

As pesquisas, em geral, apontaram que o contexto fonológico seguinte ao ditongo [ej] mais favorecedor à supressão da semivogal [j] é o da consoante [r]. Esse dado pode ser verificado através dos altos índices de freqüência em relação aos demais contextos: 98% (Cabreira), 89% (Araújo) e 99% (Paiva).

Quanto à supressão da semivogal anterior do ditongo [aj], no português brasileiro, a única consoante que favorece a monotongação desse grupo vocálico é a palatal [ʃ], como expressam alguns exemplos em (11). Para Cabreira, dentre os três ditongos que sofrem monotongação, esse é o que menos sofre redução na fala.

(11) ['kajʃa] ~ ['kaʃa] ['fajʃa] ~ ['faʃa]

A forte tendência à monotongação de [ow] constatada por Cabreira, Paiva e Meneghini, cuja freqüência média foi superior a 95% nesses estudos, permitiu aos autores chegar à conclusão de que a supressão da semivogal [w] indica uma mudança praticamente consumada. Diferentemente do que ocorre com a semivogal [j], o ditongo [ow] apresenta indícios de ser aquele em que o processo está mais avançado. Outra diferença em relação à supressão de [j] reside no fato de que [ow] pode sofrer monotongação em todos os ambientes, como exemplificado em (12).

(12) [row'pa] ~ [ro'pa]	['owtro] ~ ['otro]
['powko] ~ ['poko]	['frowʃo] ~ ['froʃo]
[va'sowra] ~ [va'sora]	[a'sowge] ~ [a'soge]
['kowve] ~ ['kove]	['rowbo] ~ ['robo]

Em seu estudo, Paiva conclui que, no português falado no Rio de Janeiro, “é difícil falar-se em variação do ditongo [ow], podendo-se, mesmo, afirmar que a não articulação de [w] constitui a norma no dialeto carioca”. Da mesma forma, para Cabreira, a taxa de variação nos dialetos de Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba é praticamente nula.

Quanto à interferência da variável *tonicidade* na supressão das semivogais em questão, parece não haver consenso entre os autores consultados, uma vez que as conclusões a que chegaram são bastante distintas. Em relação ao ditongo [ow], Meneghini comprovou que a tonicidade é responsável pela monotongação desse ditongo, mas no sentido de as sílabas átonas favorecem a supressão. Cabreira verificou que a redução da semivogal só ocorre em sílabas tônicas. Apenas para Paiva não há qualquer influência da tonicidade sobre a monotongação, já que os resultados encontrados pela autora apontaram para essa conclusão.

Meneghini, por sua vez, comprovou que o fator *tonicidade* é responsável pela monotongação de [ej], no sentido de, mais uma vez, as sílabas átonas serem as motivadoras do processo. Também Araújo verificou a relevância dessa variável, embora, ao contrário de Meneghini, os resultados obtidos pela autora indicarem as sílabas tônicas como responsáveis pela perda da semivogal. Em contrapartida, Paiva e Cabreira concluíram que tal variável não revelou qualquer interferência sobre a supressão da semivogal [j].

2.2.3 O ditongo na aquisição da fonologia

Estudos que abordem a aquisição do ditongo no português são realmente escassos. Na literatura, encontra-se apenas o trabalho de Bonilha (2000), a qual investigou 86 crianças com idades que variavam entre 1:0 a 2:6, e cujo objetivo foi o de traçar um perfil de desenvolvimento da aquisição fonológica relativa ao ditongo do português brasileiro.

Em uma análise dos ditongos decrescentes com base na Teoria da Otimidade, Bonilha, partindo da proposta de Camara Jr. (1972) acerca da existência de um núcleo complexo, constatou que as crianças brasileiras adquirem desde muito cedo essa estrutura. Segundo a autora, a estrutura CVG aparece logo após a aquisição da estrutura CV. Conforme se verifica no QUADRO 1, os ditongos fonológicos constituem, portanto, a segunda estrutura adquirida pelas crianças.

QUADRO 1 - Ordem de surgimento dos ditongos decrescentes segundo Bonilha (2000).

Idade	Ditongos
1:0 – 1:1	[aw] – [iw]
1:1 – 1:2	[aj] – [oj]
1:3 – 1:4	[ej] – [ew]
1:6 – 1:7	[Ew] – [□j]
1:8 – 1:9	[Ej]
2:2 – 2:4	[uj]

No que diz respeito à ordem de surgimento dos ditongos, a autora constatou que aqueles formados pela vogal baixa mais semivogal [w] são os primeiros a aparecer, já que estruturas do tipo [aw] são produzidas a partir de um ano de idade. Nesse mesmo período, surgem os ditongos constituídos pela vogal baixa mais a semivogal anterior [j]. Esse fato leva Bonilha a concluir que “o ordenamento inicial do surgimento dos ditongos decrescentes está vinculado à aquisição do triângulo básico das vogais / a /, / i /, / u /” (2004, p. 116).

Ainda em relação à ordem de surgimento dos ditongos, aqueles constituídos pela vogal média alta / o / aparecem aos 1:1, ao passo que [ej] e [ew] aparecem a partir de 1:3. Somente por volta de 1:6, surgem os ditongos formados pelas vogais médias baixas [Ew] e [□j]. Aos 1:8, a estrutura [Ej] já é realizada.

Bonilha constatou que a aquisição dos ditongos decrescentes parece iniciar com a vogal baixa / a / seguida do glide / w /. A seguir, é adquirido pelas crianças o ditongo [aj], também constituído pela vogal baixa / a /. Por volta de 1:4, as crianças adquirem os ditongos formados por vogais médias altas. Nesse instante da aquisição, elas produzem seqüências como [Ew], [oj] e [Ej]. Em relação aos ditongos formados pelas vogais médias baixas, como vogal-base, [Ew], [Ej] e [□j], a aquisição dar-se-á mais tardiamente, da mesma forma com o que ocorre com os constituídos pelas vogais altas / i / e / u /, nos ditongos [iw] e [uj].

Uma evidência de que a estrutura VG já está adquirida desde as primeiras faixas, de acordo com Bonilha (2000), deve-se aos índices obtidos na pesquisa mostrarem-se estáveis e superiores a 80% , relativamente à produção dos ditongos.

Em sua pesquisa, a autora também observou o comportamento das crianças investigadas em relação à produção dos ditongos fonéticos [aj], [ej] e [ow]. Os dados mostraram que, em nenhuma das possibilidades de produção das palavras que possuíam as estruturas [aj] e [ej], a seqüência VG foi realizada. Bonilha verificou que, em 100% das previsões de ocorrência, apenas a vogal-base foi produzida, ou seja, o ditongo [ej] não foi realizado em nenhuma das vezes em que havia possibilidades de ocorrência. Da mesma forma, considerando as poucas produções para a seqüência [aj], não foi detectada na fala dos investigados sequer uma produção. Quanto ao ditongo [ow], apenas em uma, mas por razões entonacionais, essa estrutura foi realizada.

A respeito da aquisição dos ditongos fonéticos, a autora conclui que, em conformidade com a proposta de Bisol (1994), esses constituintes silábicos são formados basicamente por uma vogal na subjacência, visto que, em fase de aquisição da fonologia, as crianças jamais realizam tais estruturas.

2.2.4 O ditongo na aquisição da escrita

Quando comparados à grande quantidade de pesquisas que abordam a variação dos ditongos do PB, por exemplo, os trabalhos desenvolvidos com a finalidade de investigar a aquisição desses grupos vocálicos na escrita infantil realmente são escassos. Há, pelo que se tem conhecimento, três pesquisas que os focalizam, duas das quais apresentadas como exemplos de estudos acerca de investigações sobre estratégias de aprendizagem da escrita (MOLLICA, 1998; ALVARENGA et al, 1989). É, pois, com base nesses dois trabalhos e no de Rocha (1998), que serão trazidas para este estudo as principais conclusões a que chegaram os autores a respeito do processo de aquisição gráfica dos ditongos.

Com o propósito de verificar se a interferência de uma orientação clara e direcionada no ensino/aprendizagem da escrita é capaz de diminuir a ocorrência de supressão das semivogais dos ditongos [ej] e [ow] na escrita infantil, Mollica (1998) observou a produção escrita de alunos da classe de alfabetização à quarta série do ensino fundamental de três escolas, através de um instrumento composto por figuras as quais apresentavam os ditongos referidos e que possuíam contextos favoráveis ao apagamento de [j] e [w]. Para a averiguação da hipótese, um instrumento foi aplicado para duas classes de cada série, sendo que, para uma das turmas de cada ano escolar, os alunos receberam a instrução de que,

na língua oral, muitas vezes, deixamos de pronunciar determinados sons que não chegam a causar danos na comunicação. Todavia, é indispensável saber que devemos representar esses sons em forma de grafemas na língua escrita de acordo com as normas ortográficas vigentes (pág. 56).

De maneira geral, os resultados mostraram que os alunos da classe de alfabetização e os da primeira série das duas escolas públicas que receberam a instrução monotongaram mais do que os alunos da escola particular. As crianças da primeira série da escola particular que receberam instrução suprimiram mais as semivogais do que os das outras séries. A explicação para

a ocorrência desse fato, segundo a autora, reside no baixo grau de maturação das crianças dessas séries, na grande quantidade de regras que estão assimilando nesse período bem como no pequeno vocabulário que ainda possuem.

Mollica constatou também que os altos índices de monotongação da semivogal posterior, quando confrontados aos da semivogal anterior, revelam que a representação correta de 'ei', em comparação à de 'ou', é aprendida mais rapidamente pelos alunos. A autora observou que as turmas que receberam instrução e as que não a receberam tiveram, ao longo do curso, uma redução nos índices de monotongação.

Em sua pesquisa, Mollica apurou a possibilidade de o fator sexo exercer alguma influência quanto ao apagamento das semivogais e comprovou que as meninas, ao preservarem mais as semivogais, apresentaram maior facilidade no aprendizado das formas lingüísticas prestigiadas socialmente. O inverso ocorreu com os meninos, nos quais, segundo a concepção da autora, *costuma prevalecer a ocorrência de formas lingüísticas de baixo prestígio social.*

Em uma das escolas públicas, foram analisados os processos de monotongação considerando a variável *ponto e modo de articulação*, e foi verificado que, em relação às palatais [Z] e [Σ], os índices de supressão foram maiores, nas turmas com e sem instrução, sempre na classe de alfabetização, com índices de 30%. A partir da 1ª série, os índices baixaram consideravelmente, chegando, em algumas séries, à ausência de redução. Quanto ao comportamento dos ditongos diante da líquida não-lateral / r /, a autora observou que, nas turmas de CA com instrução, o índice de monotongação foi de 70%, enquanto na turma sem instrução, não foram constatadas reduções. Nas demais séries, os índices de erros ortográficos caíram quase a zero diante desse contexto.

Quanto à grafia de 'ou', os resultados evidenciaram que a monotongação desse ditongo é mais problemática para se corrigir diante da consoante / k /, já que, em todas as séries analisadas, os índices foram sempre

superiores a 60%. Nos contextos de / r / e / v /, os alunos de CA e da 1ª série com instrução monotongaram mais que os alunos sem instrução.

Ao comparar os ambientes antes de fricativas, flapes e oclusivas, Mollica constatou que o maior problema na escrita deu-se em ambiente de consoante [- contínuo], ou seja, nesse contexto, o índice de correção foi praticamente zero, especialmente para o ditongo 'ou'. A autora comprovou que, no que diz respeito à instrução realizada em sala de aula no momento da pesquisa, foi maior a eficácia pedagógica nos casos de monotongação de [ej] que nos de [ow].

Em estudo sobre a representação dos ditongos na grafia de 160 alunos das quatro primeiras séries do ensino fundamental, apresentado como exemplo da investigação acerca das estratégias utilizadas pelos alfabetizandos quando da transferência da forma sonora da fala à forma gráfica da escrita, Alvarenga et al (1989) partiram da suposição de que, durante o percurso de aprendizagem da língua escrita, os alunos constroem e exploram hipóteses sobre as relações entre fala e escrita. Realizada apenas com os dados referentes àqueles grupos vocálicos em cuja grafia havia algum tipo de erro, a análise partiu de dois grupos de ditongos: os que sofrem redução na fala e os que não são reduzíveis na língua oral.

Do primeiro grupo, composto pelos ditongos [aj], [ej] e [ow], os autores observaram que o ditongo [ow] apresentou os maiores índices de redução, sobretudo nas séries intermediárias (2ª e 3ª), e menores nas séries inicial e final (1ª e 4ª). O levantamento dos dados permitiu também constatar que, das 138 possibilidades para a grafia de [ej], seis casos de redução foram encontrados, na 3ª e 4ª séries. Por sua vez, o ditongo [aj], em 10 possibilidades de ocorrência, foi o que menores índices de redução apresentou: apenas um caso, detectado na 4ª série.

No que diz respeito ao grupo de ditongos que não sofrem redução na língua oral – [ew], [iw], [uj], [oj] e [Ew] – os autores constataram que os erros detectados nesses grupos vocálicos podem ser atribuídos, por exemplo, a

casos de fusão entre / u / e / I / em final de sílaba, a casos de não-nasalidade, à falta de acento gráfico ou mesmo a erros idiossincráticos.

Ao processo de redução na fala, são atribuídos os erros na representação gráfica dos ditongos do primeiro grupo, fato que, na concepção dos autores, interfere diretamente na representação escrita pelos alunos. Além dessa constatação, outras detectadas no estudo dizem respeito: (i) à baixa frequência de redução, ou mesmo à sua inexistência na 1ª série escolar; (ii) ao crescimento nas séries intermediárias, principalmente quanto ao ditongo [ow]; e (iii) ao crescimento maior ainda de redução de [aj] e [ej] na quarta série.

Para os autores, a diferença de comportamento dos ditongos sujeitos à redução na escrita revela alguns problemas que necessitam ser averiguados. Em relação às causas do aumento percentual de erros com o passar das séries, tal crescimento foi atribuído ao provável cuidado excessivo das professoras das primeiras séries, as quais, na tentativa de impedir o erro do alfabetizando, fornecem a este listas de palavras para serem decoradas. Nas séries seguintes, dada a notória ampliação do vocabulário, as crianças não possuem o mesmo controle e, conseqüentemente, tendem a cometer mais erros.

Quanto ao desempenho dos alunos em relação aos três ditongos fonéticos, a diferença no comportamento tem explicação devido aos contextos fonológicos diante dos quais se encontram. Nessa pesquisa, os dados revelaram que a grafia de 'ou' parece resolver-se já na 4ª série, o que não ocorre com 'ei' e 'ai'. A partir da observação desse fato, os autores supõem um ordenamento por dificuldade: a grafia de 'ou' será a que menos problemas terá o aprendiz, seguindo-se do ditongo 'ai' e, por fim, do ditongo 'ei'.

Os últimos resultados trazidos para este trabalho são os de Rocha (1998) acerca dos ditongos 'iu' e 'éu', em desinências verbais e em radicais, respectivamente, detectados na produção escrita de 506 crianças das quatro primeiras séries do ensino fundamental. A autora abordou, nesse estudo, o tipo

de ditongo, sua posição na palavra e a ocorrência de hipercorreção. O fato de não sofrerem redução na fala e a possibilidade de oferecerem dúvidas aos alunos com relação ao emprego dos grafemas i/e e u/o foram dois motivos que levaram a autora à escolha desses dois grupos vocálicos.

Os índices percentuais referentes aos erros evidenciaram, nesse estudo, que as ocorrências de 'éu' foram sempre inferiores aos de 'iu', revelando, nesse sentido, a maior dificuldade para a grafia desse último ditongo em se comparando à de 'éu'. A autora atribuiu a esse resultado à alta frequência da palavra 'chapeuzinho', que vem expressa em materiais didáticos e em cartilhas de séries iniciais aos quais as crianças estão expostas. Os percentuais mostraram também que os alunos pertencentes à classe média apresentaram uma melhor performance na escrita, especialmente quanto à grafia correta do ditongo 'éu', que as da classe baixa.

A preferência, na escrita, pela forma 'io' em verbos, como em abriu/abriu, foi outro dado evidenciado pela pesquisa. Esse fato levou Rocha (1998) a concluir que as crianças por ela investigadas *ainda não fazem uso de estratégias morfológicas (afixos, desinências e flexões), ou mais precisamente, do conhecimento morfológico da terminação verbal como pista para grafar as palavras* (pág. 225). A tendência para o aumento da hipercorreção desse ditongo durante a alfabetização, tanto na classe média quanto na baixa, permitiu à autora inferir que a realização do ditongo 'iu' pelas crianças esteja sendo orientada mais pela busca de padrões da escrita do que propriamente pelo uso de estratégias morfológicas.

O exame da hipercorreção dos ditongos analisados foi outro ponto investigado por Rocha, através de cuja análise a autora concluiu que, além de ser um procedimento comum e de largo uso na construção ortográfica desses ditongos, indica um momento de evolução pelo qual passa a criança no processo gradual de aquisição da forma considerada correta.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Dividido em seis seções, o capítulo da metodologia assim se constitui: a primeira parte aborda a descrição geral dos procedimentos metodológicos; em um segundo momento, são apresentados alguns dados acerca dos sujeitos investigados e também a razão pela qual eles foram escolhidos; na terceira parte, encontram-se informações referentes aos textos analisados e à forma de coleta dos mesmos; na quarta parte, são fornecidas informações sobre o programa estatístico usado para a análise dos dados. A quinta seção apresenta as variáveis lingüísticas e extralingüísticas utilizadas. Por fim, na sexta parte, encontra-se a apresentação do preparo e codificação dos dados a partir das variáveis utilizadas para descrever o processo de aquisição gráfica dos ditongos orais mediais.

3.1 Descrição geral da metodologia

Os dados analisados nesta pesquisa foram extraídos de redações de alunos, as quais pertencem ao Banco de Textos de Aquisição da Escrita proveniente do projeto de pesquisa intitulado - *Aquisição e Desenvolvimento da Escrita: Ortografia*¹.

Como referido na introdução deste trabalho, após uma pesquisa exploratória em textos produzidos por alunos de 1ª a 4ª série com o objetivo de observar o comportamento das crianças quanto à grafia dos diferentes ditongos orais mediais, constatou-se uma grande quantidade e variedade de formas tidas como não-convencionais envolvendo esses grupos vocálicos. Optou-se por investigar apenas as produções escritas de alunos pertencentes à 1ª e à 2ª séries, já que nas duas séries subseqüentes tais ocorrências eram significativamente menos freqüentes.

¹ Projeto desenvolvido no Departamento de Ensino da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, sob coordenação da professora Drª Ana Ruth Moresco Miranda.

3.2 Os sujeitos

Os sujeitos, cujas produções textuais fazem parte do Banco já mencionado, são crianças que apresentavam, na época da coleta dos textos, em média, idades que variavam entre seis e nove anos e que cursavam as duas primeiras séries do ensino fundamental em duas escolas da cidade de Pelotas/RS, uma pública e uma particular. Aproximadamente vinte e cinco alunos compunham cada turma.

3.3 Os textos

3.3.1 Coleta dos textos do Banco

As produções textuais pertencentes ao Banco de Textos foram coletadas por alunas bolsistas vinculadas ao Projeto de Pesquisa referido anteriormente em períodos diversos, iniciando-se no segundo semestre de 2001, sempre nas mesmas turmas. Restritas apenas às quatro primeiras séries do ensino fundamental, foram realizadas 10 coletas, totalizando, aproximadamente, 2020 textos.

Nos QUADROS 2 e 3, é apresentada a distribuição das 10 coletas realizadas durante o período de 2001 a 2004 na escola pública e na particular, divididas por séries e semestres. As células marcadas com um “X” indicam que foi realizada a coleta, ao passo que as células em branco indicam o contrário.

QUADRO 2 – Coleta dos dados na Escola Pública

	1 ^a 2001/2	2 ^a 2001/2	3 ^a 2002/1	4 ^a 2002/2	5 ^a 2003/1	6 ^a 2003/2	7 ^a 2003/2	8 ^a 2004/1	9 ^a 2004/2	10 ^a 2004/2
1 ^a A	X		X	X		X	X	X	X	X

1ª B	X	X				X	X	X	X	X
2ª A	X	X			X	X	X	X	X	X
2ª B			X	X		X	X	X	X	X

QUADRO 3 – Coleta de dados na Escola particular

	1ª 2001/2	2ª 2001/2	3ª 2002/1	4ª 2002/2	5ª 2003/1	6ª 2003/2	7ª 2003/2	8ª 2004/1	9ª 2004/2	10ª 2004/2
1ª A		X	X	X						
1ª B	X	X	X		X	X	X	X	X	X
2ª A	X	X	X	X						
2ª B	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

Com o propósito de motivar a produção escrita espontânea dos alunos, foi aplicada, a cada coleta, uma oficina de produção textual previamente pensada e preparada pela coordenadora do projeto e pelas alunas bolsistas. Estas, por sua vez, tinham a tarefa de promover, primeiramente, uma conversa informal com as crianças a fim de informar-lhes o que aconteceria naquela aula. Num segundo momento, havia atividades cujo propósito era o de promover um “aquecimento”, visando propiciar à espontaneidade e também à criatividade dos alunos.

A seguir, encontram-se descritas as quatro primeiras oficinas aplicadas, as quais motivaram a produção escrita que compõe a base para a investigação desta pesquisa:

1ª oficina: História em Quadrinhos – Caracterizou-se pela apresentação, no quadro, de uma história em quadrinhos, sem legenda, ampliada, porém fora de ordem. Pediu-se aos alunos que ajudassem a organizá-la, de maneira que pudessem trocar idéias e fazer comentários entre si. Após essa etapa, foi entregue à classe uma seqüência de outra história, e solicitou-se aos alunos

que a organizassem e criassem um texto a partir da seqüência dada aos quadrinhos.

2ª oficina: Passeata dos Animais – A motivação teve início com uma conversa informal sobre animais domésticos. Após esse diálogo, contou-se uma história a respeito de uma passeata realizada pelos animais cuja finalidade era a de exigir seus direitos, como o de ter comida, carinho, um dono, uma casa, etc. Depois, em um terceiro momento, cada aluno recebeu um envelope dentro do qual continha a imagem de um animal. Então, como proposta redacional, pediu-se que escrevessem uma história na qual contassem a razão que levou esse animal a fazer-se presente na passeata.

3ª oficina: Animais Fantásticos – Essa oficina foi desenvolvida a partir do conto de histórias sobre animais incomuns e mágicos, as quais foram retiradas da Mitologia e da Literatura. Os alunos tiveram acesso então a um livro que mostrava imagens de animais compostos a partir da junção de outros dois animais distintos. A partir dessa estimulação, eram convidados a escrever um texto.

4ª oficina: Dando vida aos objetos – A partir da história “A Bela e a Fera” e da identificação dos objetos-personagens, recriada na turma com o auxílio de reproduções de algumas cenas e personagens da história, as bolsistas questionaram os alunos sobre o que fariam e o que aconteceria se os objetos de que eles mais gostassem ganhassem vida. Logo após a essa conversa, foi proposto a eles que produzissem um texto no qual tivessem de contar como seria a vida desses objetos.

É importante ressaltar o fato da espontaneidade com que os alunos sempre produziram seus textos, os quais não possuíam qualquer interferência das bolsistas quanto a possíveis indagações a respeito da grafia de palavras, ou mesmo quanto a quaisquer questões referentes ao assunto que desenvolviam nas redações.

Ao final de cada coleta, os textos eram digitados pelas próprias alunas bolsistas, que tinham o cuidado de manter fielmente a escrita original. Posteriormente, todo dado referente a erros de ortografia e acentuação era retirado do texto original e registrado em fichas, de modo a facilitar o seu manuseio, a catalogação e futura análise.

3.3.2 Levantamento dos dados referentes à grafia dos ditongos

Como o propósito deste trabalho é verificar a grafia dos ditongos orais mediais na escrita infantil, foi descartada toda palavra que não contivesse esse grupo vocálico na posição silábica exigida, tal como: palavras que apresentassem sílabas finais com ditongo, mesmo este sendo oral; vocábulos monossílabos, independentemente de sua classe gramatical – foi, mau, mais, seu, tio; palavras cuja escrita fosse duvidosa. Foram descartados, também, todos aqueles textos característicos do período pré-silábico e silábico².

De posse, então, apenas dos dados considerados válidos para esta pesquisa, foi realizada uma análise quantitativa dos ditongos ‘ai’, ‘ei’ e ‘ou’ a partir da qual se pôde verificar os percentuais de produção ou de supressão das semivogais desses ditongos na grafia das crianças como também os fatores que se mostraram relevantes para a aplicação da regra da monotongação. Ao contrário dos grupos vocálicos ‘ei’ e ‘ou’, que foram submetidos às rodadas do programa estatístico, os ditongos ‘ai’ e ‘éu’ foram analisados por meio de percentuais. Essa decisão foi tomada em função de o ditongo ‘ai’ apresentar baixa ocorrência de produção, o que impediria que os dados fossem submetidos às rodadas, e também de o ditongo ‘éu’ apresentar apagamento da semivogal sempre na mesma palavra.

² Conforme Ferreiro e Teberosky (1999), a escrita da criança, no período pré-silábico, não reflete a tentativa de representar graficamente os sons da fala. Já no período silábico, a criança começa a estabelecer relações entre as letras e a língua falada, atribuindo a cada sílaba um símbolo.

Aos casos de supergeneralização observados nos textos, foi dado um tratamento de cunho qualitativo. É importante referir que, mesmo sendo poucas as ocorrências de palavras nas quais as crianças inseriram indevidamente semivogal, a análise qualitativa realizada a partir da observação desses erros deveu-se à relevância que possuem dados como esses para a discussão de questões problemáticas relativas ao período de aquisição da escrita e a alguns aspectos da fonologia do português.

Para o levantamento dos dados apresentados nesta dissertação, foram analisados 947 textos referentes a dez coletas, dos quais foram extraídas 1394 palavras em que havia contexto para a grafia dos ditongos, conforme se pode visualizar através do quadro demonstrativo seguinte:

QUADRO 4 – Relação número de textos/dados por tipo de escola

Série/Tipo de escola.	Escola Pública	Escola Particular
1ª série	235 textos/ 173 dados	166 textos/ 178 dados
2ª série	299 textos/ 620 dados	247 textos/ 423 dados

3.4 O pacote GOLDVARB 2001

O conjunto de programas VARBRUL, também denominado de pacote VARBRUL, é constituído de vários programas ordenados desenvolvidos *com o objetivo de implementar modelos matemáticos que procuram dar tratamento estatístico adequado a dados lingüísticos variáveis* (Scherre, 1993, p. 1). A versão mais recente, chamada de GOLDVARB 2001, foi desenvolvida para usuários do ambiente windows, não necessitando, ao contrário das versões anteriores, qualquer outro *software* especialista.

A escolha de um programa como este para a análise dos dados concernentes à aquisição dos ditongos orais mediais tem sua principal justificativa na eficácia do VARBRUL para análises de dados lingüísticos em

grande quantidade, uma vez que propicia, ao pesquisador, freqüências e probabilidades das variáveis relacionadas ao fenômeno sob investigação. Como o programa é uma ferramenta estatística, ao pesquisador cabe o cuidado de selecionar os fatores que podem ou não estar influenciando a aplicação de uma determinada variável sobre o fenômeno investigado, já que a função do programa é a de apenas analisar quantitativamente símbolos previamente selecionados que representam esses fatores e a eles atribuir valores.

O programa possui uma função chamada *multiple regression* que só rodará se tiver encontrado um conjunto de resultados com um valor binário que possua variação em cada fator. Caso a variação não seja verificada em um dos fatores, o programa acusará *knockouts* ou *singleton groups*, e a regressão múltipla não funcionará. Ocorrerão *knockouts* quando todos os dados forem codificados com o mesmo valor de aplicação, os quais deverão ser eliminados a fim de que se possa proceder à rodada. Depois de feitos os ajustes, isto é, a eliminação dos *knockouts* ou *singleton groups*, o programa, então, procederá à análise.

O GOLDVARB 2001, ao final, apresentará os resultados referentes às melhores rodadas, de forma a oferecer o modelo mais consistente para a análise lingüística.

3.5 Definição operacional das variáveis

As variáveis lingüísticas e extralingüísticas definidas para a análise do fenômeno da monotongação dos ditongos orais mediais na escrita infantil são apresentadas nesta subseção.

3.5.1 Variável dependente

3.5.1.1 Grafia dos ditongos ou monotongação

A supressão das semivogais [j] e [w] nos ditongos decrescentes [aj], [ej] e [ow] em contextos específicos recebe o nome de monotongação, fenômeno que é freqüentemente percebido na pronúncia dos brasileiros em geral e que é transferido também às produções escritas dos alfabetizandos, sobretudo nas primeiras séries. Na forma escrita, palavras como ‘feijão’, ‘caixa’ e ‘outro’, por exemplo, são grafadas pelas crianças, ora preservando-se o ditongo, ora mantendo apenas a vogal-base, resultando formas como ‘fejão’, ‘caxa’ e ‘otro’, respectivamente.

Através de uma testagem com crianças de 1ª a 4ª série cuja finalidade era a de observar o processo de monotongação da escrita comparada à da fala, Mollica (1998) concluiu que, pelo motivo de a supressão da semivogal posterior ser processo de longa extensão no português falado, fato este também comprovado por Paiva (1996), o grafema ‘u’, representando na escrita a semivogal do ditongo [ow], demora mais a ser assimilado pela criança do que o grafema ‘i’, que é representa na escrita a semivogal do ditongo [ej].

3.5.2 Variáveis independentes lingüísticas

3.5.2.1 Tipo de ditongo

Para efeito de análise, seriam considerados os 11 ditongos orais do português elencados por Camara Jr. (1977): [aj], [aw], [ui], [ej], [Ew], [iw], [ow], [ew], [Ej], [oj] e [□w]. Entretanto, uma pesquisa explanatória nos dados mostrou que sete deles, a saber, [□j], [iw], [oj], [aw], [□w], [Ej] e [ew], não apresentaram redução, ou outro tipo de problema nos textos das crianças investigadas. Por sua vez, a representação gráfica dos ditongos [ow], [ej], [Ew] e [aj] ora apresentou supressão de semivogal, como em

'ropa', 'primero', 'chapesinho' e 'fetiço', ora acréscimo de semivogal, como em 'goustou' e 'agaichou'.

3.5.2.2 Contexto fonológico seguinte

Conforme o resultado de vários estudos já citados anteriormente os quais tratam da supressão das semivogais [j] e [w] na variação, pôde-se chegar à conclusão de que o contexto fonológico seguinte tem sido um dos principais fatores condicionantes do fenômeno da monotongação das produções orais. Por essa razão, buscou-se detectar, neste estudo, os tipos de segmentos de maior efeito sobre a monotongação das produções escritas, através da análise dos grupos segmentais de acordo com **o ponto e o modo de articulação**.

Da mesma forma, pretende-se analisar a interferência ou não do contexto seguinte quanto à possibilidade deste influenciar a inserção das semivogais [j] e [w] em palavras como 'goustou', 'boutou' e 'morreiram'.

Partindo-se do pressuposto, então, de que tanto a monotongação quanto a inserção de semivogal sejam condicionadas basicamente por fatores estruturais, estabeleceu-se, para fins de averiguação, os fatores seguintes:

- i) Vogal / a e E i o □ u /
- ii) Oclusivas bilabiais / p b /
- iii) Oclusivas alveolares / t d /
- iv) Oclusivas velares / k g /
- v) Fricativas labiais / f v /
- vi) Fricativas alveolares / s z /
- vii) Fricativas/africadas palatais / Σ Z /
- viii) Nasais / m n /
- ix) Líquida lateral / l /
- x) Líquida não lateral / r /

3.5.2.3 Tonicidade

Estudos sobre aquisição da fonologia, como os de Matzenauer (1990), Miranda (1996) e Rangel (2002), entre outros, têm demonstrado que as sílabas átonas são as mais propícias a sofrerem perda de segmentos, por serem menos salientes do que as tônicas.

Com o estudo dessa variável, pretende-se verificar a existência de uma possível diferença no comportamento dos ditongos em sílabas tônicas em relação aos ditongos em sílabas átonas e também a relevância dessa variável para a aplicação ou não da regra.

Uma revisão bibliográfica atenta dos principais estudos variacionistas que abordaram a questão da monotongação nos ditongos, Meneghini (1983), Cabreira (1996), Paiva (1996), Rangel (1997) e Araújo (2000), mostrou que não há um consenso entre esses autores quanto à possível influência da variável *tonicidade da sílaba* para a aplicação da regra da monotongação.

3.5.2.4 Categoria morfológica

A escolha dessa variável reside no fato de se investigar, neste estudo, a possibilidade de a supressão dos grafemas 'i' e 'u' dos ditongos orais mediais estar ou não sujeita a um condicionamento de nível morfológico. Resultados de estudos variacionistas apontam para conclusões divergentes. Enquanto para Paiva (1996) a posição de sufixo propicia a aplicação da regra da monotongação, para Cabreira (1996) é o radical que favorece o surgimento do fenômeno.

Para essa averiguação, dois grupos de fatores foram estabelecidos, a saber:

- a) o ditongo se encontra no radical: caixa, feira.
- b) o ditongo se encontra em afixos: pedreira, geladeira.

3.5.3 Variáveis independentes extralingüísticas

3.5.3.1 Escola

Tal variável torna-se importante para o desenvolvimento da pesquisa porque há necessidade de verificar-se uma possível diferença na performance escrita de alunos pertencentes a instituições particulares e públicas durante o percurso de aquisição gráfica dos ditongos.

Estudos variacionistas têm constatado que estudantes de escolas particulares, pelo fato de possuírem pais leitores e com escolarização em geral superior, possuírem contato com leitura e escrita antes do ingresso na escola, além de terem acesso a diferentes meios de comunicação, apresentam, conforme registra Mollica (1998), um melhor desempenho na fala e na escrita da taxa de ocorrência de formas canônicas.

Mantida pelo Governo Municipal, a escola pública oferece à população apenas as séries que compreendem o ensino fundamental. Situa-se em um bairro em cujos arredores se concentram outros pequenos bairros, todos constituídos de moradores de baixa renda. Nessa instituição escolar, em relação à escolaridade dos pais dos alunos, pode-se constatar que a grande maioria apresenta escolaridade primária e, mais raramente, secundária.

A escola particular, por sua vez, está localizada no centro da cidade, oferece as séries que fazem parte da educação básica. Quanto ao grau de instrução, os pais dos estudantes possuem, em geral, nível superior completo.

Além de apresentarem projetos político-pedagógicos para as séries iniciais muito semelhantes, ambas são reconhecidas como instituições que possuem boa qualidade de ensino.

3.5.3.2 Série

Com a finalidade de observar o comportamento das crianças em relação à aquisição gráfica dos ditongos orais mediais, foram escolhidos os textos produzidos nas duas primeiras séries do ensino fundamental de cada escola. Para cada uma das séries investigadas, havia duas turmas de alunos.

A importância dessa variável reside no fato de poder acompanhar-se a evolução por que passa a criança durante o processo de supressão das semivogais na produção escrita espontânea e, a partir disso, traçar um perfil dessa aquisição.

3.5.3.3 Sexo

Os estudos sociolingüísticos têm mostrado que a variável sexo apresenta-se relevante no que diz respeito à variação e à mudança. Em relação à monotongação na escrita infantil, essa variável também tem demonstrado exercer influência para a aplicação da regra, conforme constatou em seu estudo Mollica (1998), uma vez que as meninas apresentam maior facilidade no aprendizado de formas lingüísticas prestigiadas socialmente quando comparadas aos meninos.

3.6 Preparação e codificação dos dados

A fim de que o GOLDVARB 2001 procedesse às rodadas com os dados dos ditongos sob investigação, foi necessário informar ao programa o símbolo utilizado como código de cada variante das variáveis estabelecidas. Depois de criado o código para cada fator, as variáveis e as variantes ficaram assim determinadas e codificadas:

I) Variável dependente

(0) produz – c[ai]xa, f[ei]jão, p[ou]co

(1) não produz – [ca]xa, [fe]jão, [po]co

II) Variáveis independentes

- **Linguísticas**

A) Tipo de ditongo

(a) – ai – c[ai]xa

(e) – ei – f[ei]jão

(o) – ou – p[ou]co

B) Tonicidade da sílaba

(t) – tônica – *caixa, peixe, louca*

(p) – pré-tônica – *apaixonado*

(w) – pós-tônica – não houve dados

C) Contexto fonológico seguinte ao ditongo

(v) – vogal – fei[a], mei[o]

(r) – r – primei[r]a, cenou[r]a

(l) – l – Zei[l]a

(n) – nasais – trei[n]o, quei[m]ou

(b) – p/b – rou[p]a, rou[b]ar

- (d) – t/d – dei[t]ado,
- (g) – k/g – pou[k]o, mantei[g]a
- (f) – f/v – ou[v]ido, rai[v]a,
- (s) – s/z – lou[s]a, lou[z]a
- (c) – Σ/Z - dei[x]ar, fei[j]ão

D) Categoria morfológica

- (h) – radical - *paixão*
- (k) – afixos - *banheiro*

- **Extralingüísticas**

E) Sexo

- (y) – masculino
- (x) – feminino

F) Tipo de escola

- (m) – pública
- (z) – particular

G) Série

- (i) – 1ª série
- (u) – 2ª série

3.6.1 Os arquivos de dados

Como visto na subseção anterior, cada fator recebeu um símbolo específico, e a codificação foi feita primeiramente numa planilha a fim de que, para se evitarem erros, se tivesse o máximo cuidado ao codificar os dados antes de passá-los ao programa. Depois de pronta e conferida a codificação na planilha, os dados foram passados para um arquivo do Word para que fossem transferidos posteriormente aos programas do GOLDVARB 2001.

Uma seqüência de símbolos como **1otrhyzu**, referente à produção da palavra 'vassora', pode ser assim lida: (1) não foi produzido o ditongo; (o) o ditongo que deixou de ser produzido é *ou*; (t) quanto à tonicidade, a sílaba é tônica; (r) a consoante seguinte é uma líquida não-lateral; (h) o ditongo deixou de ser produzido no radical da palavra; (y) a palavra foi produzida por um menino; (z) a escola é particular; (u) a palavra foi encontrada em um texto produzido por aluno de 2ª série.

No capítulo seguinte, serão apresentadas a descrição e a análise dos dados referentes à grafia dos ditongos com base nos resultados obtidos a partir das rodadas do programa estatístico utilizado e também os dados que não foram tratados estatisticamente.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Dividido em quatro seções, este capítulo tem o propósito de apresentar a descrição e a análise relativas à grafia dos ditongos 'ei' e 'ou', obtidas em função das diferentes rodadas realizadas pelo programa estatístico referido no capítulo antecedente, bem como a descrição e a análise da grafia dos ditongos 'ai' e 'éu' feitas a partir de percentuais. O presente capítulo destina-se ainda a descrever e analisar os casos de supergeneralização encontrados nos textos infantis estudados.

Na primeira seção, encontram-se descritos, de acordo com as informações obtidas pelo programa estatístico, os percentuais gerais envolvendo os quatro tipos de ditongos que tiveram a semivogal suprimida na grafia nos textos analisados. Logo após, na seção subsequente, são descritas e analisadas as três variáveis selecionadas pelo GOLDVARB 2001 como favorecedoras do fenômeno da monotongação, quando da primeira rodada dos dados. É importante referir que, nessa rodada, foram submetidos à análise estatística os ditongos 'ai', 'ei' e 'ou', não sendo computados, portanto, apenas os dados referentes ao ditongo 'éu'.

A seguir, na terceira seção, levando-se em consideração agora os diferentes tipos de ditongo separadamente, os resultados obtidos por meio de várias rodadas são descritos e analisados. Cabe ressaltar aqui que o ditongo 'éu' não teve um tratamento estatístico igual aos demais grupos vocálicos. Essa decisão foi tomada devido ao fato de esse ditongo ter perdido a semivogal sempre na mesma palavra. Se submetidos às rodadas, os dados referentes a esse grupo vocálico poderiam interferir nos resultados dos outros três ditongos, o que poderia alterar significativamente os demais percentuais. Logo, os dados relativos a 'éu' serão descritos e analisados separadamente, apenas considerando-se percentuais.

Na última seção, são descritas e analisadas quantitativamente grafias em que houve acréscimo de semivogal.

4.1 Descrição e análise geral dos dados

A TABELA 1 apresenta o total, em número de ocorrências e em índices percentuais, de palavras nas quais se constatou a presença ou não das semivogais ‘i’ e ‘u’ dos quatro tipos de ditongos orais mediais nos textos das crianças das duas primeiras séries das escolas investigadas.

TABELA 1 – Frequência de produção e não-produção dos diferentes tipos de ditongos

Tipo de ditongo	Produção		Não-Produção		Total	%
[aj]	60	93.75%	4	6.25%	64	4.61
[ej]	671	86.47%	105	13.53%	776	55.66
[ow]	356	81.84%	79	18.16%	435	31.2
[ɛw]	114	95.8%	5	4.2%	119	8.53
Total	1201	86.15%	193	13.85%	1394	100

Como se pode visualizar através dos resultados expressos na TABELA acima, das 1394 palavras que compõem o corpus deste estudo, 1201, o equivalente a 86.15 % do total, foram grafadas de acordo com a norma, isto é, as semivogais ‘i’ ou ‘u’ dos ditongos foram mantidas pelas crianças. Em 193 vocábulos, ou seja, 13.85 % do total, os alunos deixaram de grafar essas estruturas com as semivogais.

Os números permitem constatar que o ditongo ‘ei’, com um percentual de 55.66% do corpus, é predominante no corpus analisado, em se comparando à distribuição dos outros. Foram encontradas 776 palavras nas quais havia contexto para a produção dessa estrutura, e a semivogal foi grafada normalmente em 86,47% dos casos. Em 105 vocábulos, notou-se que a semivogal ‘i’ não foi mantida pelas crianças das duas séries investigadas, apresentando um percentual de 13.53% de supressão.

O ditongo 'ai', com um percentual de 4.61% do total de palavras que compõem o corpus desta pesquisa, é o menos freqüente. Foi reduzido à vogal na escrita das crianças em apenas 4 vocábulos, dos 64 observados, totalizando 6.25% de não-produção.

Quanto ao ditongo 'éu', constatou-se que, assim como o 'ai', apresenta freqüência baixa e foi o que menor índice de redução na escrita apresentou. Das 119 ocorrências, todas referentes à palavra 'chapeuzinho', a semivogal 'u' foi grafada em 114 palavras. As crianças deixaram de grafá-la em apenas 5 vocábulos, ou seja, em 4.2 % do total.

A grafia da semivogal 'u', presente no ditongo 'ou', revelou ser aquela que mais dificuldades ofereceu às crianças, isso porque, em 79 vocábulos, dos 435 que apresentaram contexto para a produção desse ditongo, ou seja, em 18.16% das palavras, o grafema 'u' não foi preservado. Os alunos grafaram normalmente essa semivogal em 356 palavras, o equivalente a 81,84% do total de produções desse ditongo. Vale destacar que, do total de vocábulos que apresentaram o ditongo medial 'ou', 155 ocorrências referem-se à palavra 'outro', o equivalente a 36%.

Embora o ditongo 'ei' seja o mais freqüente nos dados, percebe-se, pelos índices, que não foi o grupo vocálico que mais sofreu supressão da semivogal. Provavelmente, esse fato seja decorrente de esse ditongo, na fala, não se dar em todos os contextos fonéticos tão limitados como no caso do ditongo [aj], que sofre redução em apenas um contexto, nem tão generalizante como no caso do ditongo [ow], o qual é reduzido diante de todos os contextos.

Excetuando-se o ditongo 'éu', os resultados obtidos corroboram os achados de Mollica (1998), segundo os quais o ditongo 'ou' é aquele que mais sofre redução na escrita infantil, seguido de 'ei' e, por fim, do ditongo 'ai'. Comparando-se esses resultados aos dos estudos variacionistas referidos neste trabalho, observa-se que igualmente o ditongo [ow] é aquele que, dentre

os três ditongos fonéticos, mais redução sofre na fala dos brasileiros em geral, seguidos de [ej] e [aj], respectivamente.

4. 2 Resultados referentes à primeira rodada dos dados

Para a segunda rodada dos dados, as 1275 palavras que apresentavam ou não as semivogais dos ditongos 'ai', 'ei' ou 'ou' grafadas foram submetidas à análise estatística com o auxílio do GOLDVARB 2001. Através dessa rodada, foi possível observar, de um modo geral, o comportamento desses três diferentes ditongos bem como das variáveis selecionadas pelo programa como favorecedoras da supressão das semivogais.

Apresentando significância zero, o que equivale a dizer que a margem de erro para essa rodada foi nula, foram eliminados pelo programa, primeiramente, os dados que continham a consoante / l / seguinte aos ditongos 'ai', 'ei' e 'ou', uma vez que, diante desse contexto, não foi verificada a supressão das semivogais. Também eliminadas foram as variáveis *sexo*, *tipo de ditongo* e *tonicidade*, consideradas como insignificantes estatisticamente. Pela ordem fornecida pelo programa, a variável *contexto seguinte* aos ditongos foi a primeira selecionada, seguida da *categoria morfológica* e, na seqüência, da variável *tipo de escola*.

4. 2.1 A variável *contexto seguinte*

É importante destacar que os resultados descritos na TABELA 2, apresentada a seguir, referem-se ao cômputo geral, isto é, aos índices gerais de produções e não-produções dos três ditongos submetidos à rodada.

Os resultados estatísticos da primeira variável selecionada podem ser visualizados na TABELA 2.

TABELA 2 – Efeito da variável *contexto seguinte* na supressão das semivogais dos ditongos ‘ai’, ‘ei’ e ‘ou’

Contexto seguinte	Produção		Não-Produção		Peso Relativo
p/b	99/142	69%	43/142	30%	.82
k/g	26/32	81%	6/32	18%	.72
r	255/335	76%	80/335	23%	.69
s	7/8	87%	1/18	12%	.64
Σ/Z	122/146	83%	24/142	16%	.63
nasais	16/18	88%	2/18	11%	.58
f/v	27/30	90%	3/30	10%	.54
t/d	357/385	92%	28/385	7%	.42
vogal	172/173	99%	1/173	0%	.05
Input = 0.092			Significância = 0		

Como se percebe, as consoantes diante das quais mais monotongações ocorreram, de acordo com os resultados estatísticos obtidos através dessa rodada, foram as plosivas / p / e / b /, mais precisamente a [- sonora]. Observando-se a freqüência das palavras em cuja grafia ocorreu o maior número de supressão, constatou-se que ‘roupa’ foi o vocábulo que mais apagamentos da semivogal apresentou. O peso relativo de **.82** mantém o que foi expresso pelo percentual de 30%, confirmando, com isso, a influência favorável dos ambientes [p] e [b] para a aplicação da regra da monotongação. Não se pode deixar de mencionar que estes dois contextos referem-se a palavras com o ditongo ‘ou’. Das 142 palavras encontradas as quais apresentaram contexto para a produção desse ditongo, 43 não tiveram grafadas pelas crianças a semivogal ‘u’.

Uma vez que apresentou peso relativo de **.72**, a consoante velar / k / também demonstrou exercer forte influência para a supressão da semivogal posterior. Basicamente, quanto a essa consoante, as crianças deixaram de grafar as semivogais nas palavras ‘loca’ e ‘poco’, pois, em seis produções desses dois vocábulos, o equivalente a 18% de ocorrências, não foi verificado o grafema ‘u’. Não foram registrados casos de supressão nos textos diante da consoante / g /.

Em terceiro lugar, o programa verificou, dado o peso relativo de **.69**, que a consoante / r / foi também um contexto altamente favorecedor para a

aplicação da regra, já que, das 335 palavras nas quais os ditongos ‘ei’ e ‘ou’ deveriam ser grafados, 80 não tiveram preservadas as semivogais, chegando a 23% do total de palavras em que havia contexto para a grafia desses dois grupos vocálicos.

A TABELA 2 mostra que as palatais / Σ / e / Z /, principalmente a [- sonora], em palavras como ‘peixe’ e as derivadas dos verbos ‘deixar’ e ‘apaixonar’, por exemplo, mostraram-se favorecedoras da monotongação, uma vez que em 24 ocorrências, ou seja, em 16 % das 146 nas quais se observaram esses contextos, as crianças não grafaram a semivogal de ‘ei’. A constatação de que esses contextos favorecem a monotongação também pode ser comprovada através do peso relativo de **.63**.

A consoante nasal / m / teve, dos 18 vocábulos em que o ditongo ‘ei’ veio antecedido por esse contexto, apenas duas palavras grafadas sem a semivogal, a saber, ‘siquemol’ e ‘quemol’, para ‘se queimou’ e ‘queimou’, respectivamente. O percentual de não-produção foi de 11%, e o peso relativo, de **.58**.

Seguindo a ordem de relevância, dado o peso relativo de **.54**, o programa apontou os contextos de / f / e / v / como levemente favorecedores da supressão das semivogais ‘i’ e ‘u’, já que em 10 % das palavras que apresentavam esses contextos, ou seja, em três delas – a saber, ‘ovido’, ‘ovirão’ e ‘oviu’ –, observou-se que as crianças não grafaram devidamente as referidas semivogais. Diante da consoante / f / não foi constatado nenhum caso de monotongação.

Apresentando um índice baixo de 7% e peso relativo **.42**, as consoantes / t / e / d / estatisticamente não se manifestaram favorecedoras do fenômeno analisado. Foram observadas 385 palavras que apresentaram contexto para a grafia dos ditongos diante dessa consoante. Desse número, 28 apenas vieram grafadas sem as semivogais.

Por fim, as vogais, como constituintes do contexto seguinte aos ditongos, apresentaram-se desfavorecedoras da monotongação na escrita infantil, uma vez que foi apontado pelo programa um percentual de 0% e peso relativo de **.05**. Apenas a palavra ‘balea’ sofreu redução diante de vogal.

Analisando os ambientes diante dos quais ocorreu a monotongação, constata-se que as consoantes [- sonoras], a saber, / p /, / k /, e / Σ /, e a [+ sonora], / r /, foram as que mais propiciaram a redução. Esses dados corroboram os achados de Mollica (1998), que também constatou em sua pesquisa uma forte influência dessas consoantes sobre o apagamento das semivogais na escrita infantil. Vale referir que as consoantes / p / e / k / foram observadas principalmente seguindo o ditongo ‘ou’, ao passo que as consoantes / r / e / Σ / diante do ditongo ‘ei’.

Como se pôde constatar através dos dados recém descritos, algumas consoantes revelaram-se altamente favorecedoras do fator da supressão dos grafemas ‘i’ e ‘u’ nos textos analisados. A fim de melhor analisar a influência do *contexto seguinte* sobre a monotongação dos ditongos na escrita infantil, estarão sendo discutidos, nas subseções seguintes, alguns aspectos concernentes a essa variável.

4.2.2 A variável *categoria morfológica*

O programa apontou que a variável *categoria morfológica* também teve influência para a aplicação da regra de supressão das semivogais dos ditongos mediais nos dados de escrita infantil. Os resultados estatísticos promovidos pelo GOLDVARB 2001 referentes a essa variável podem ser conferidos na TABELA 3, apresentada a seguir.

TABELA 3 – Efeito da variável *categoria morfológica* na supressão das semivogais dos ditongos ‘ai’, ‘ei’ e ‘ou’

Categoria Morfológica	Produção	Não-Produção	Peso Relativo
Radical	996/1142 87%	146/1142 12%	.63

Afixos	91/133	68%	42/133	31%	.49
Input = 0.092			Significância = 0		

Ainda que a monotongação tenha sido observada em maiores índices percentuais nos afixos, 31% de não-produção das semivogais contra 12% nos radicais, o programa apontou, através do peso relativo de **.63**, uma maior tendência a esse fenômeno ocorrer nos radicais das palavras.

Em relação a esses resultados promovidos pelo programa, cabe aqui chamar atenção para o fato de a seleção ter, provavelmente, sido influenciada pelos dados referentes ao ditongo 'ou', já que, no corpus desta pesquisa, não foi encontrado nenhum caso de supressão em afixos envolvendo esse ditongo. Além disso, um maior número de palavras nas quais se constatou o ditongo 'ei' também apresentou este no radical. Logo, como foram computados todos os ditongos juntamente, ao tirar-se qualquer conclusão dessa variável, poder-se-ia correr o risco de fazer alguma generalização inadequada. Para esta pesquisa, a variável categoria morfológica mostrou-se relevante para o ditongo 'ei', cuja descrição e análise serão realizadas na subseção 4.3.2.4.

4.2.3 A variável *tipo de escola*

Seguida dos fatores *contexto seguinte* e *categoria morfológica*, foi constatada pelo programa como favorecedora da monotongação na escrita infantil, em terceiro lugar, a variável *tipo de escola*, cujos resultados podem ser conferidos na TABELA 4.

TABELA 4 – Efeito da variável *tipo de escola* na supressão das semivogais dos ditongos 'ai', 'ei' e 'ou'

Tipo de Escola	Produção		Não-Produção		Peso Relativo
Pública	576/716	80%	140/716	19%	.60

Particular	511/559	91%	48/559	8%	.36
Input = 0.092			Significância = 0		

A TABELA acima permite a verificação de que tanto a porcentagem de 19% quanto o peso relativo de **.60** apontam a escola pública como aquela na qual mais ocorrências de supressão das semivogais foram observadas. Dos 716 vocábulos com contexto para a grafia do ditongo medial produzidos pelos alunos das duas séries analisadas, as semivogais 'i' e 'u' não foram grafadas em 140 itens lexicais. Na escola particular, por sua vez, observou-se que 92% das palavras que compõem o corpus foram normalmente grafadas com os ditongos, isto é, as crianças mantiveram as semivogais dessas estruturas em 511 palavras das 559 produzidas. Apenas em 48 vocábulos, o equivalente a 8% de não-produção, os alunos deixaram de grafá-las adequadamente.

Cunha (2004), ao analisar os processos de hiper e hipossegmentação nos textos das mesmas crianças que compõem o corpus desta pesquisa, constatou que o fator *tipo de escola* mostrou exercer forte influência quanto à segmentação das palavras, uma vez que os alunos da escola particular, por ela estudados, apresentaram menos dúvidas relativamente à segmentação na escrita do que os da escola pública. Da mesma forma, Mollica (1998), Rocha (1998) e Alvarenga et al (1989) apontaram, através de seus estudos, a escola pública como aquela na qual os alunos apresentaram os maiores índices de monotongação na escrita.

Tal constatação vai ao encontro do que Ferreiro e Teberosky (1999) afirmam, isto é, que a influência do fator social está diretamente relacionado a um maior contato com a escrita. Por trás dessa afirmação, está a idéia de que o nível de escolaridade dos pais e o contato com a escrita antes do ingresso na escola podem favorecer a maior ou menor ocorrência de formas não-convencionais próprias desse período.

Esta variável estará sendo tratada ao longo deste capítulo, quando analisados os diferentes ditongos, e também no capítulo seguinte, quando realizada a discussão dos resultados.

4.3 Descrição e análise dos ditongos *ai*, *ei*, *ou* e *éu*

Nessa seção, os ditongos ‘ai’, ‘ei’, ‘ou’ e ‘éu’ são descritos e analisados separadamente, seja através dos resultados estatísticos promovidos pelo GOLDVARB 2001, seja por meio de percentuais, seja ainda através de análise qualitativa.

4.3.1 O ditongo *ai*

O grupo vocálico com o terceiro menor percentual de ocorrências no corpus desta pesquisa foi o ditongo ‘ai’. Provavelmente, essa reduzida quantidade de palavras produzidas pelas crianças seja um reflexo do também pequeno número de vocábulos¹ no léxico do português nos quais esse ditongo aparece antecedido pela palatal / Σ /. Esse é o único contexto diante do qual ocorre a monotongação, razão por que seja talvez o menos pesquisado nos estudos variacionistas, uma vez que somente os estudos de Cabreira (1996) e Meneguini (1983) fazem a ele referência.

Na primeira rodada feita com os dados concernentes a esse ditongo, o programa estatístico apontou 5 casos de *knockouts* na variável contexto seguinte, fato que se deu devido à não-aplicabilidade da regra da monotongação diante das consoantes / t /, / d /, / f /, / v /, / r /, / p /, / b / e das vogais, ou seja, diante desses ambientes não foram verificados casos de

¹ Existem aproximadamente 160 vocábulos na língua portuguesa que possuem esse ditongo diante da palatal, conforme se observa no Dicionário Eletrônico Aurélio, contando-se as palavras primitivas, derivadas e compostas.

supressão do grafema 'i'. Portanto, o único contexto diante do qual 'ai' sofreu redução foi o da palatal / Σ /, em palavras como 'embacho', 'caxa', 'faxe' e 'apachonado', por exemplo.

Além dos *knockouts*, o GOLDVARB 2001 apontou também um caso de *singleton group* na variável categoria morfológica, já que não foram verificadas reduções desse ditongo em afixos. Por esse motivo, a variável *categoria morfológica* foi descartada pelo programa.

Depois de feitos os ajustes necessários para que o programa rodasse, os dados foram submetidos a uma nova rodada. No entanto, devido à pouca quantidade de palavras referentes a esse ditongo, não foi selecionada nenhuma variável como relevante para a aplicação da regra da monotongação.

Guy (1992) diz que, para que se possa fazer alguma generalização a respeito das variáveis selecionadas, deve-se ter, no mínimo, um número aproximado de 35 palavras para cada variável a ser analisada. Dessa forma, para que o programa rodasse os dados e selecionasse as variáveis relevantes, seriam necessárias aproximadamente 245 palavras, uma vez que, neste estudo, são analisadas sete variáveis.

Sem, então, os resultados estatísticos do GOLDVARBRUL 2001 para o ditongo 'ai', serão descritos e analisados os dados referentes a esse ditongo com base apenas nos percentuais oferecidos pelo programa quando da primeira rodada realizada.

4.3.1.1 A variável *tonicidade da sílaba*

A seguir, na TABELA 5, encontram-se os percentuais referentes à variável *tonicidade da sílaba*, no que diz respeito à monotongação do ditongo ‘ai’.

TABELA 5 – Efeito da variável *tonicidade da sílaba* na supressão da semivogal do ditongo ‘ai’

Tonicidade	Produção		Não-Produção	
Sílaba Tônica	36	92%	3	7%
Sílaba Átona	24	96%	1	4%

Quanto à influência dessa variável sobre a aplicação da regra da monotongação do ditongo analisado, observa-se na TABELA acima que, dos quatro vocábulos que apresentaram redução, apenas uma, a saber, a palavra ‘apachonado’, teve a semivogal apagada em sílaba átona.

A semivogal ‘i’, nas palavras ‘embacho’, ‘caxa’ e ‘faxa’, não foi grafada pelas crianças em sílaba tônica. Cabreira (1996), igualmente, constatou em seu estudo que, em relação à influência dessa variável sobre a aplicação da regra da monotongação de [aj] e [ej], o ditongo em sílaba tônica está mais sujeito à supressão da semivogal do que em sílaba átona.

Os resultados referentes a esse ditongo aqui encontrados e os de Cabreira, no entanto, não corroboram o que a grande maioria dos estudos vem mostrando sobre a influência desse fator na supressão das semivogais dos ditongos, visto que estes, como se verá na subseção 4.3.2.3, mostram as sílabas átonas mais propícias a sofrerem perda de segmentos.

4.3.1.2 A variável sexo

A TABELA 6 traz os resultados concernentes à monotongação do ditongo ‘ai’ quanto à variável sexo.

TABELA 6 – Efeito da variável *sexo* na supressão da semivogal do ditongo ‘ai’

Sexo	Produção	Não-Produção
-------------	-----------------	---------------------

Masculino	32	92%	3	8%
Feminino	28	97%	1	3%

Os números expressos nessa TABELA apontam os meninos como aqueles que mais erros apresentaram quanto à manutenção da semivogal nos textos infantis. Foram detectadas três ocorrências de supressão em textos produzidos por meninos, e apenas uma entre os textos redigidos por meninas. Embora apresentando uma baixíssima frequência, esses dados também confirmam os achados de Mollica (1998), que constatou em seu estudo que o fenômeno da monotongação ocorre com maior frequência nos textos produzidos por meninos.

Para essa autora, apoiada nas muitas descrições variacionistas sobre fenômenos da fala, o sexo masculino é ‘mais displicente’ quanto ao uso da norma prescrita tradicionalmente. Nesse sentido, as mulheres tendem a aderir mais às formas *standart*, o que, comprovando com os dados de Mollica (1998) e os desta pesquisa, acaba se refletindo na escrita.

4.3.1.3 A variável *tipo de escola*

A seguir, na TABELA 7, são mostrados os resultados referentes ao ditongo ‘ai’ quando analisada a variável *tipo de escola*.

TABELA 7 – Efeito da variável *tipo de escola* na supressão da semivogal do ditongo ‘ai’

Tipo de Escola	Produção		Não-Produção	
Pública	32	95%	2	5%
Particular	28	94%	2	6%

O fator *tipo de escola* parece, pelos percentuais obtidos, não exercer influência nos dados referentes a esse ditongo, isso porque, das 34 ocorrências

de ‘ai’ nos textos produzidos pelos alunos da escola pública, foram observadas duas palavras nas quais esse ditongo não foi grafado com a semivogal, a saber, ‘caxa’ e ‘embacho’.

Nos textos dos alunos da escola particular, igualmente, foram observados dois casos de supressão da semivogal anterior. Das 30 palavras que apresentaram contexto para a grafia desse ditongo, somente ‘faxe’ e ‘apachonado’ não tiveram a semivogal devidamente grafada.

Esses resultados, no entanto, impedem que se extraia qualquer conclusão quanto à relevância dessa variável na monotongação do ditongo ‘ai’, devido não só à escassez de dados como também ao empate do número de ocorrências de não-produção da semivogal, verificado nos textos das duas escolas.

4. 3.1.4 A variável *série*

Como pode ser observado na TABELA 8, os alunos do primeiro ano escolar deixaram de grafar a semivogal do ditongo ‘ai’ mais que os da série seguinte.

TABELA 8 – Efeito da variável *série* na supressão da semivogal do ditongo ‘ai’

Série	Produção		Não-Produção	
1^a	48	95%	3	5%
2^a	12	93%	1	7%

Como dito anteriormente, das 64 palavras que apresentaram o grupo vocálico ‘ai’ nos textos analisados, quatro apenas sofreram redução. Dessas quatro ocorrências, como se constata na TABELA acima, três foram encontradas nos textos produzidos pelos alunos da primeira série. Das 51 palavras que apresentaram contexto para a grafia desse ditongo, verificou-se

que três delas não vieram grafadas com a semivogal. Nos dados do 2º ano escolar, por sua vez, verificou-se um número bem reduzido de vocábulos que apresentaram esse ditongo, quando comparado ao do 1º ano.

Ainda que sejam poucos os dados, esses percentuais evidenciam a tendência já comprovada por alguns autores em relação ao fato de ser o primeiro ano escolar o período no qual se constata o maior número de supressão das semivogais nos textos infantis.

4.3.2 O ditongo *ei*

Como mencionado anteriormente, o ditongo 'ei' foi o grupo vocálico, dentre os quatro analisados, que maior número de palavras apresentou, a saber, 776 de um total de 1394 ocorrências, o equivalente a 55,66% dos dados gerais, conforme TABELA 1, portanto mais que a metade das palavras que compõem o corpus deste estudo. Desse total, 105 não tiveram a semivogal 'i' grafada pelas crianças, o equivalente a 13.53%.

Submetidos esses dados a uma nova rodada, o programa acusou dois casos de knockouts envolvendo as consoantes / s / e / b /. Resolvido o problema, procedeu-se a mais uma rodada, a partir da qual foram identificados quatro grupos de fatores relevantes no que diz respeito à supressão da semivogal anterior, a saber, na ordem, *contexto seguinte*, *tipo de escola*, *tonicidade da sílaba* e *categoria morfológica*. Por não terem sido considerados relevantes estatisticamente pelo programa, os grupos de fatores *sexo* e *série* foram descartados.

Deve ser destacado aqui o fato de o programa ter considerado não relevante estatisticamente para a monotongação do ditongo 'ei' a variável *sexo*, embora muitos estudos sociolinguísticos mostrem que tal fator é relevante para a variação e para a mudança. Mollica (1998), por exemplo, ao pesquisar a monotongação nos dados de aquisição infantil, constatou que as meninas,

quando comparadas aos meninos, tendem a preservar mais as semivogais dos ditongos. Neste estudo, porém, devido ao índice de supressão ser igual para meninas e meninos, razão por que foi descartada pelo programa estatístico, não se pôde tirar conclusões acerca dessa variável.

Em relação à variável *série*, também descartada pelo programa, vale mencionar que estudos sociolingüísticos e de aquisição da escrita têm encontrado índices de supressão das semivogais sempre mais elevados nas turmas de 1ª série. Nos dados pesquisados em textos deste mesmo ano escolar, foram detectados 33 casos de supressão em 141 palavras, o equivalente a 19%. Por sua vez, na 2ª série, das 525 palavras produzidas pelos alunos, 69 não vieram devidamente grafadas com a semivogal do ditongo 'ei'. Esses índices confirmam os resultados dos estudos realizados acerca da supressão da semivogal 'i' na escrita. Além disso, é importante destacar também o aumento considerável na produção do ditongo 'ei' na 2ª série, fato que revela o *status* da aquisição gráfica desse constituinte silábico pelas crianças.

A seguir, são descritas e analisadas, na ordem de seleção, as quatro variáveis eleitas pelo GOLDVARB 2001 concernentes ao ditongo 'ei'.

4.3.2.1 A variável *contexto seguinte*

Quanto a essa variável, os percentuais de produção e não-produção da semivogal 'i' nos dados da escrita infantil podem ser conferidos na TABELA 9.

TABELA 9 – Efeito da variável contexto seguinte na supressão da semivogal do ditongo 'ei'

Contexto seguinte	Produção		Não-Produção		Peso Relativo
r	197/264	75%	67/264	25%	.78
ʃ/ʒ	107/127	84%	20/127	16%	.66
Input = 0.08			Significância = 0.017		

É possível observar que os números da TABELA 9 indicam aquilo que os estudos de outros autores, como Mollica (1998) e Alvarenga et al (1989), por exemplo, apontaram, isto é, a consoante / r / foi a que mais propiciou a supressão da semivogal 'i' do ditongo 'ei'. Das 264 palavras nas quais 'ei' veio seguido por essa consoante, 67 tiveram a semivogal apagada, apresentando um total de 25% de não-produção e peso relativo de **.78**. As pesquisas variacionistas, igualmente, indicam que a consoante / r / é, dentre as demais, a que mais favorece a monotongação de 'ei', chegando a índices de 99%, conforme apuraram Paiva (1996) e Araújo (2000).

Apresentando peso relativo de **.66**, outros dois contextos que se mostraram favorecedores da monotongação foram / ʃ / e / ʒ /. Diante desses dois ambientes, 20 palavras, o equivalente a 16% do total de dados, tiveram suprimida a semivogal do ditongo em questão.

Em relação à supressão da semivogal 'i' antes das consoantes / r /, / ʃ / e / ʒ /, os dados desta pesquisa confirmam os resultados de Mollica (1998) sobre os contextos condicionantes da supressão da semivogal anterior. No entanto, os dados da escrita espontânea revelaram que é possível esse ditongo sofrer redução em outros contextos (cf TABELA 2), embora com baixa frequência, como aqueles diante das consoantes nasais e plosivas alveolares, por exemplo, informação que não seria captada por pesquisas cujos instrumentos de coleta utilizados baseiam-se apenas na escrita de vocábulos a partir de figuras mostradas ou no preenchimento de lacunas com a palavra desejada pelo pesquisador. No capítulo a seguir, quando discutida a variável *contexto seguinte*, o grupo de consoantes constituído pelas palatais / ʃ / e / ʒ / e pela líquida / r / será retomado.

4.3.2.2 A variável *tipo de escola*

O segundo grupo de fatores eleito pelo programa como favorecedor da monotongação do ditongo 'ei' foi *tipo de escola*. A TABELA 10 traz os resultados obtidos em relação a essa variável.

TABELA 10 – Efeito da variável *tipo de escola* na supressão da semivogal do ditongo 'ei'

Tipo de Escola	Produção		Não-Produção		Peso Relativo
Pública	378/461	82%	83/461	18%	.63
Particular	288/307	94%	19/307	6%	.32
Input = 0.08			Significância = 0.017		

Através dos dados expressos na TABELA 10, pode-se verificar que os alunos da escola pública apresentaram uma tendência maior em grafar apenas a vogal base do ditongo 'ei' do que as crianças da escola particular. Comparando-se os resultados obtidos nas duas escolas, percebe-se que, das 461 palavras produzidas pelos alunos das duas séries da escola pública, 83 não foram grafadas com a semivogal, ao passo que em apenas 19 vocábulos, o equivalente a 6%, de um total de 307 ocorrências, a semivogal não foi grafada na escola particular.

Tanto a percentagem de 18% quanto a probabilidade de **.63** apontam a escola pública como aquela na qual se verificam maiores índices de monotongação do ditongo 'ei' na escrita infantil.

O próximo capítulo (seção 5.1.2) trará uma discussão acerca do efeito da variável *tipo de escola* na supressão das semivogais dos ditongos 'ei' e 'ou'.

4.3.2.3 A variável *tonicidade da sílaba*

Os resultados estatísticos referentes à variável *tonicidade da sílaba* fornecidos pelo programa encontram-se na TABELA 11.

TABELA 11 – Efeito da variável *tonicidade da sílaba* na supressão da semivogal do ditongo 'ei'

Tonicidade	Produção		Não-Produção		Peso Relativo
Sílaba Átona	167/193	87%	26/193	13%	.68
Sílaba Tônica	499/575	87%	76/575	13%	.44
Input = 0.08			Significância = 0.017		

Eleita pelo programa como a terceira variável responsável pela supressão da semivogal do ditongo em questão nos textos analisados, o fator *tonicidade da sílaba* apresentou índices idênticos tanto na produção quanto na não-produção dessa semivogal. Como se verifica através dos percentuais expressos na TABELA 11, dos 768 vocábulos em que havia contexto para a grafia dessa estrutura, 193 apresentaram o ditongo em sílabas átonas e 575, em sílabas tônicas.

Foi observado que em 26 palavras houve supressão em sílabas átonas. As sílabas tônicas, por sua vez, apresentaram o maior número de palavras com contexto para a grafia do ditongo em questão, isto é, dos 575 vocábulos encontrados, 76 tiveram a semivogal apagada, o equivalente a 13% do total.

Quanto aos índices probabilísticos obtidos através dessa rodada, foi possível observar alguns aspectos interessantes não captados pela frequência. Ainda que os percentuais apontem os mesmos índices de monotongação nos dois fatores analisados, ou seja, 13 % tanto em sílabas átonas quanto em sílabas tônicas, o que tornaria essa variável sem valor para a análise, a probabilidade apontada pelo programa de **.68** indica que as sílabas átonas favoreceram, nesta pesquisa, a perda da semivogal quando comparadas às sílabas tônicas, cuja probabilidade de ocorrência foi de **.44**.

O fator tonicidade é um aspecto interessante de ser analisado e não deve ser ignorado no processo de supressão das semivogais dos ditongos. Camara Jr. (1979) diz que a tonicidade, em português, é intensiva, isto é, as sílabas tônicas são produzidas com uma força expiratória maior do que as sílabas átonas. Portanto, por serem produzidas com menos intensidade, é de se esperar que a perda de segmentos seja mais comum em sílabas átonas. Estudos sobre o funcionamento dos sistemas lingüísticos e também sobre a

aquisição da fonologia (cf. MATZENAUER, 1990; e MIRANDA, 1996) já comprovaram essa tendência de as sílabas átonas propiciarem a ocorrência de processos fonológicos.

Embora os resultados dos estudos variacionistas relativos a esse fator serem totalmente adversos, uma vez que não há consenso sobre a influência ou não do fator *tonicidade* sobre a aplicação da regra da monotongação, os resultados desta pesquisa corroboram os achados das autoras recém citadas, no que se refere à tendência das sílabas átonas favorecerem a ocorrência de apagamento da semivogal do ditongo 'ei'.

4.3.2.4 A variável *categoria morfológica*

Como já explicitado anteriormente na seção 4.2.2, foram examinados casos de supressão da semivogal em radicais apenas com relação ao ditongo 'ei'. A TABELA 12 traz os percentuais relativos a essa variável.

TABELA 12 – Efeito da variável *categoria morfológica* na supressão da semivogal do ditongo “ei”

Categoria Morfológica	Produção		Não-Produção		Peso Relativo
Radical	577/637	91%	60/637	9%	.47
Afixos	89/131	68%	42/131	32%	.64
Input = 0.08			Significância = 0.017		

Em relação ao quarto e último fator eleito pelo GOLDVARB 2001 para o ditongo 'ei', os percentuais, em relação à variável *categoria morfológica*, revelaram que esse grupo vocálico, quando grafado em radicais, foi preservado em 91% das palavras pelas crianças, isto é, dos 637 vocábulos que possuíam contexto para a produção de 'ei', 577 tiveram a semivogal normalmente preservada.

Quanto à não-produção da semivogal verificada no radical, somente em 9% dos vocábulos, o equivalente a 60 palavras, foi observada a supressão do grafema 'i'. O índice de 32% e a probabilidade de **.64** confirmam que, nos afixos, houve uma maior tendência de supressão da semivogal do ditongo 'ei'. Esses resultados corroboram aqueles obtidos por Paiva (1996), confirmando a tendência de esse ditongo estar mais sujeito à monotongação em afixos.

Em seu estudo, Cabreira (1996) analisou separadamente o ditongo [ej] seguido pela consoante lateral / r / daquele seguido pelas palatais / ɣ / e / ʒ /. Quanto àquele antecedido pela lateral, o autor observou a posição do ditongo, isto é, se estava presente no radical ou no sufixo das palavras. Os resultados revelaram uma forte tendência desse ditongo, nos dois grupos analisados, ser reduzido no radical. Cabe ressaltar que, nesta pesquisa, todas as palavras foram submetidas indistintamente à análise do programa estatístico. Entretanto, ao fazer-se um levantamento nos dados apenas com o ditongo 'ei' seguido por / r /, constatou-se que, dos 231 vocábulos encontrados, 100 possuíam o ditongo no radical e 131 no sufixo das palavras. Averiguada a ocorrência de supressão da semivogal em ambos os grupos, observou-se um número maior de casos em sufixos, 42 ocorrências, e menor nos radicais, 19 ocorrências somente.

4.3.3 O ditongo ou

Na primeira rodada dos dados com o ditongo 'ou', o programa GOLDVARB 2001 desconsiderou a consoante / s / na variável *contexto seguinte*, uma vez que se observou apenas uma palavra na qual esse ditongo veio antecedido por / s /, e não houve redução. Por esse motivo, a TABELA 13 traz os resultados de 421 palavras. Nas demais tabelas, referentes a outras rodadas realizadas, esse dado foi computado normalmente.

Nessa rodada ainda, o programa desconsiderou a variável categoria morfológica, já que nenhum caso de monotongação em afixos foi constatado.

Das 422 palavras em cuja escrita não se verificou a semivogal posterior, 77 perderam esse segmento em radicais.

Depois de feitos os ajustes necessários para se proceder à nova rodada, o programa elegeu, na ordem de relevância, as variáveis *contexto seguinte*, *tipo de escola* e *série* como favorecedoras da monotongação desse ditongo, conforme pode se constatar nas TABELAS 13, 14 e 15, apresentadas a seguir.

4.3.3.1 A variável *contexto seguinte*

Como observado até agora, o fator *contexto seguinte* aos ditongos parece ser decisivo para a aplicação da regra da monotongação na escrita infantil, uma vez que esta variável foi eleita pelo programa estatístico sempre em primeiro lugar nas rodadas realizadas.

A TABELA 13, apresentada a seguir, traz os percentuais relativos à primeira variável selecionada.

TABELA 13 – Efeito da variável *contexto seguinte* na supressão da semivogal do ditongo ‘ou’

Contexto seguinte	Produção		Não-Produção		Peso Relativo
p/b	85/127	67%	42/127	33%	.70
k/g	26/32	81%	6/32	19%	.63
r	54/66	82%	12/66	18%	.52
f/v	26/32	88%	3/26	12%	.42
t/d	157/170	92%	13/170	8%	.33
Input = 0.15			Significância = 0.007		

Pelos percentuais expressos nessa TABELA, percebe-se que os contextos de / p / e / b / foram altamente favorecedores da monotongação do ditongo ‘ou’, já que, em 33 % de palavras como ‘roupa’ e derivadas do verbo ‘roubar’, entre outras, de um total de 127, a semivogal posterior foi apagada pelos alunos em 42 ocorrências. Além da porcentagem já referida, o peso relativo de **.70** também aponta para a confirmação de que essas duas

consoantes, especialmente a [- sonora], favorecerem a ocorrência do fenômeno.

Uma vez que o programa estatístico apresentou um percentual de 19% de não-produção e uma probabilidade de **.63**, a consoante / k / mostrou também exercer influência para o apagamento do grafema 'u'. Das 32 palavras nas quais esses dois contextos antecederam o ditongo 'ou', seis foram grafadas sem a semivogal posterior, a saber, duas ocorrências da palavra 'poco' e quatro do vocábulo 'loca'. Para Mollica (1998), o ditongo 'ou' diante de / k /, comparativamente aos demais contextos, é o que mais problemático se torna ao aprendiz na escrita.

Seguida desses dois grupos, a líquida não-lateral / r / apresentou índices de supressão não tão altos como aqueles detectados para o ditongo 'ei'. Ao contrário deste, constatou-se um percentual de 18% de apagamento da semivogal posterior, ou seja, em 66 palavras encontradas nas produções textuais que tinham a consoante / r /, 12 não foram devidamente grafadas com ditongo.

Quanto às consoantes / t / e / d /, vale destacar que, das 170 palavras em que havia contexto para a grafia de 'ou', 155 referem-se à palavra 'outro', das quais 13 vieram grafadas somente com a vogal-base desse ditongo. Percebe-se que, nesses contextos, a semivogal foi preservada em 92% das ocorrências, o equivalente a 157 palavras. Vocábulos nos quais o ditongo em questão veio antecedido pelas consoantes fricativas / f / e / v / apresentaram uma baixa frequência de supressão. Somente três palavras, de um total de 26, tiveram o grafema 'u' suprimido diante da consoante / v /, a saber, 'oviu, 'ovodos' e 'ovido'.

Portanto, a análise computacional revelou que, de acordo com os dados desta pesquisa, as consoantes no contexto seguinte que mais favorecem a monotongação do ditongo 'ou' são, respectivamente, as plosivas labiais, as plosivas velares e a líquida não-lateral / r /.

4.3.3.2 A variável *tipo de escola*

Outra variável selecionada como favorecedora da monotongação foi *tipo de escola*, cujos percentuais de produção e não-produção podem ser conferidos na TABELA 14.

TABELA 14 – Efeito da variável *tipo de escola* na supressão da semivogal do ditongo ‘ou’

Tipo de Escola	Produção		Não-Produção		Peso Relativo
Pública	170/220	77%	50/220	23%	.62
Particular	175/202	87%	27/202	13%	.38
Input = 0.15			Significância = 0.007		

A escola pública parece ser aquela em que o fenômeno da monotongação é favorecido na escrita infantil, isso porque tanto o percentual de 23% quanto o peso relativo de **.62** indicam essa tendência, conforme se constatou igualmente com o ditongo ‘ei’. Em 220 possibilidades de produção do ditongo ‘ou’, observou-se que, em 50 vocábulos, a semivogal posterior não foi devidamente grafada pelos alunos da escola pública. Na escola particular, por sua vez, os índices de não-produção foram de 13%, ou seja, apenas 27 palavras, das 202 em que havia contexto, não tiveram a estrutura ‘ou’ preservada na escrita infantil.

4.3.3.3 A variável *série*

A terceira e última variável selecionada como favorecedora da supressão da semivogal posterior do ditongo 'ou' foi *série*. Os resultados obtidos por meio do programa utilizado vêm expressos na TABELA 15.

TABELA 15 – Efeito da variável *série* na supressão da semivogal do ditongo 'ou'

Série	Produção		Não-Produção		Peso Relativo
1^a	91/129	71%	38/129	29%	.64
2^a	254/293	87%	39/293	13%	.44
Input = 0.15			Significância = 0.007		

Através desses dados, verifica-se que o primeiro ano escolar parece ser aquele em que os alunos mais dificuldade apresentaram em manter o grafema 'u' do ditongo 'ou'. Foram observadas nos textos infantis 129 possibilidades de produção para a grafia desse ditongo, das quais 38 tiveram a semivogal apagada, ou seja, 29% do total de dados. O peso relativo de **.64** também confirma a hipótese de que as crianças pertencentes à primeira série apresentaram uma tendência maior em não grafar essa semivogal.

Quanto ao segundo ano escolar de ambas as escolas, observou-se que, em 293 palavras nas quais 'ou' teria contexto para ser grafado, apenas 39 deixaram de ter o grafema 'u' devidamente mantido pelos alunos. Percebe-se que o número de palavras que apresentou contexto para a grafia de 'ou' dobrou, nesta série, em se comparando ao da anterior, e o número de monotongações detectado foi praticamente o mesmo que o da série antecedente. Esse acréscimo acentuado na produção gráfica do ditongo 'ou' na 2^a série indica, igualmente ao que ocorreu com o ditongo 'ei', a aquisição ortográfica gradativa desse constituinte silábico pelas crianças.

Como se pode constatar, a série que maiores índices de monotongação apresentou foi a primeira. A fim de observar em que escola e em que série os alunos mais monotongaram, uma nova rodada com os dados foi realizada, desta vez cruzando-se as variáveis *tipo de escola* e *série*. A TABELA 16 apresenta os resultados estatísticos desse cruzamento.

TABELA 16 – Cruzamento das variáveis *tipo de escola e série*

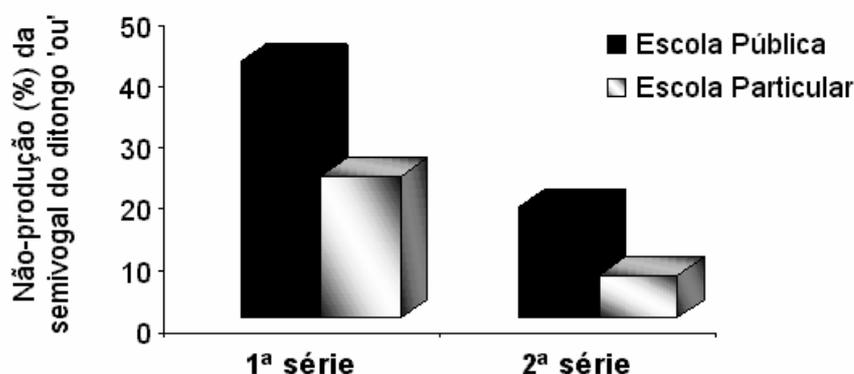
Série	Tipo de Escola			
	Municipal		Particular	
1 ^a	22/52	42%	18/79	23%
2 ^a	30/170	18%	9/134	7%
Total	52/222	23%	27/213	13%

As duas séries da escola pública apresentaram praticamente o dobro de ocorrências de supressão da semivogal do ditongo 'ou', quando comparadas às mesmas séries da escola particular. Na escola pública, os alunos da 1^a série apresentaram um percentual de 42% de monotongação contra 23% na escola particular. Da mesma forma, no segundo ano escolar, foi detectado um percentual de 18% de monotongação nas produções escritas da escola pública. Na escola particular, por sua vez, observaram-se 7% de supressão, portanto, mais que a metade das ocorrências.

Das 222 palavras encontradas nas duas séries da escola pública, 52 tiveram o ditongo 'ou' reduzido à simples vogal. Com um número total de palavras muito próximo ao da escola municipal, a particular apresentou 27 formas escritas sem a semivogal, das 213 detectadas.

Para melhor visualizar o cruzamento entre essas duas variáveis, apresenta-se o GRÁFICO a seguir.

GRÁFICO 1 – Efeito do cruzamento das variáveis *tipo de escola e série*



Os resultados deste cruzamento, visualizados no GRÁFICO acima, permitem constatar a diferença existente entre a escola pública e a particular, no que se refere à supressão da semivogal posterior nos textos infantis.

Alguns aspectos da relação escola/série serão retomados quando da discussão dos dados relativos à variável *tipo de escola*, no capítulo a seguir.

4.3.4 O ditongo *éu*

Como já explicitado anteriormente na introdução deste capítulo, o ditongo 'éu' não foi submetido às rodadas do programa estatístico. A descrição relativa a esse ditongo será baseada, portanto, em percentuais.

A supressão da semivogal desse ditongo foi constatada apenas na palavra 'chapeuzinho', a qual surgiu nos textos em virtude da proposta de produção textual baseada no conto de fadas Chapeuzinho Vermelho. Como a redução desse grupo vocálico se deu sempre na mesma palavra, as variáveis *tonicidade*, *contexto seguinte* e categoria *morfológica* deixaram de ter, conseqüentemente, relevância para a análise, uma vez que a redução se deu sempre em sílaba pré-tônica, diante da consoante / z / e no radical da palavra. A descrição dos resultados desse grupo vocálico será realizada, pois, apenas em relação às variáveis extralingüísticas, isto é, *sexo*, *tipo de escola* e *série*.

A TABELA 17 apresenta os resultados da grafia do ditongo 'éu' na palavra 'chapeuzinho', quando verificada a variável *série*.

TABELA 17 – Efeito da variável *série* na supressão da semivogal do ditongo 'éu'

Série	Produção		Não-Produção	
1^a	35/39	90%	4/39	10%
2^a	79/80	99%	1/80	1%
Total	114	96%	5	4%

Através dos números expressos nessa tabela, pode-se observar a pequena quantidade de dados nos quais se constatou a ausência da semivogal no ditongo 'éu'. Somente cinco vocábulos, dos 119 constatados nos textos, foram grafados sem a semivogal, o equivalente a 4% do total. Dessas cinco ocorrências, apresentando um percentual de 10% de monotongação, quatro foram observadas em textos produzidos por alunos pertencentes à 1^a série. Em seu estudo sobre os ditongos 'iu' e 'eu', Rocha (1998) também constatou que os alunos da primeira série foram os que mais apresentaram problemas quanto à redução desse ditongo na escrita.

No segundo ano escolar, das 80 possibilidades de grafia desse ditongo, somente um caso de supressão da semivogal foi constatado, em um texto de uma aluna da escola particular.

Em relação à variável tipo de escola, embora a tabela acima não traga essa informação, os quatro casos de supressão ocorridos na primeira série foram detectados em produções textuais realizadas por alunos pertencentes à escola pública.

Dentre os quatro tipos de ditongos que apresentaram redução nos textos infantis analisados, 'éu' é o único que, ao contrário dos demais, não sofre redução na fala. É considerado, portanto, um ditongo verdadeiro, conforme a

proposta sugerida por Bisol (1989, 1994). Nos dados estudados, esse constituinte silábico foi o que menos dificuldades relativas à escrita apresentou, revelando não constituir, aos pequenos aprendizes, problemas graves nas séries seguintes.

4.4 Os casos de supergeneralização

Dados importantes encontrados nos textos referentes à grafia dos ditongos constituem exemplos de supergeneralização. Nesses casos, ocorre a inserção de uma semivogal após uma vogal em cuja escrita convencional não há essa estrutura e tampouco na pronúncia. Mesmo apresentando um número bem reduzido de exemplos de inserção de semivogal se comparado aos de supressão, o fenômeno é interessante de ser analisado, uma vez que demonstra o conhecimento que a criança já adquiriu a partir de sua experiência com a escrita relativamente à presença de ditongos na sua língua.

O fenômeno da supergeneralização, segundo Menn e Stoel- Gammon (1997), é considerado um marco da verdadeira aprendizagem da regra, pois denota que as crianças, ao supergeneralizarem, não estão dando conta de sub-regularidades do sistema, ao estenderem uma regra a um contexto em que ela não se aplicaria.

No corpus pesquisado, foram encontrados casos considerados de supergeneralização envolvendo apenas os três tipos de ditongos que sofreram redução, conforme pode se observar no QUADRO 5.

QUADRO 5 – Casos de supergeneralização envolvendo os três ditongos fonéticos

a → 'ai'	e → 'ei'	o → 'ou'
caichoeira	morreiram	oueste

agaichou	peicho (pechou)	pessouas
taixa	peicharão	fouram
aicha	feixar	boutou
gainhar	peidio	goustou
gaiou (ganhou)		bouca
		boua
		leoua

Observando-se a primeira coluna, referente ao acréscimo da semivogal ‘i’ à vogal ‘a’, pode-se verificar que as crianças inseriram tal segmento em um contexto favorecedor para o surgimento do ditongo ‘ai’, embora na escrita em desacordo com a regra. Esse ditongo foi criado pelos alunos antes da consoante palatal / Σ /, único ambiente em que tal ditongo sofre redução na fala. As exceções ficaram com as palavras ‘gaiou’ e ‘gainhou’ nas quais as crianças acrescentaram a semivogal diante da palatal / J /.

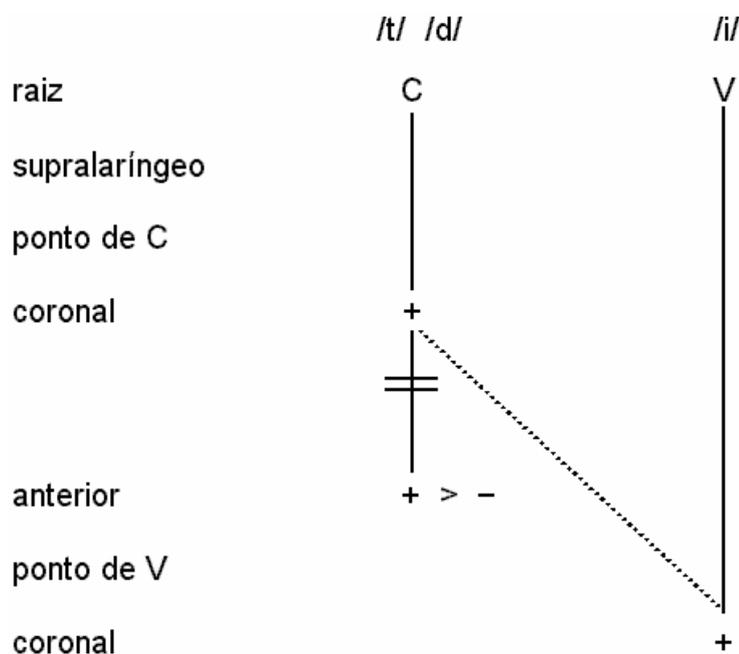
Conforme mencionado anteriormente, as palatais / Σ / e / Z /, por possuírem nó VOCÁLICO, desencadeiam o surgimento do ditongo [aj], ditongo esse pouco encontrado nas produções orais dos falantes do Português. O fato de se verificar a presença desse grupo vocálico na escrita dos vocábulos expressos no quadro recém apresentado parece sugerir que as crianças têm dúvidas com relação a quais palavras devem conter o ditongo na forma escrita, antes da palatal, possivelmente motivadas pela fonologia da língua.

Além do contexto de / Σ /, outro ambiente diante do qual as crianças acrescentaram a semivogal ‘i’ foi a palatal / J /, conforme revelam as palavras ‘gaiou’ e ‘gainhar’. Com relação a esses exemplos, pode-se pensar na hipótese de que o / J / no tier melódico influencia a decisão da criança, assim como no caso de / Σ /, o espriamento do nó vocálico. Mesmo que essas palavras, na fala, não sofram redução, mais uma vez os alunos criaram um ditongo frente a um contexto favorecedor para o surgimento da semivogal, corroborando, assim, a proposta de Bisol (1994).

Quanto ao acréscimo de ‘i’ em palavras como as expressas na segunda coluna, percebe-se que os quatro primeiros casos, a saber, *morreiram*, *peicho*, *peicharão* e *feixar*, apresentam ambientes favoráveis à presença do ditongo ‘ei’ e também passíveis de redução da semivogal ‘i’. A única exceção é o vocábulo ‘peidio’, no qual a consoante alveolar / d / inibe o apagamento de ‘ei’, pelo menos segundo os resultados das pesquisas variacionistas e também daquelas referentes à escrita trazidos para este estudo. Uma das possibilidades é de se pensar que na escrita o espraçamento, observado na regra a seguir apresentada, está sendo representado por uma vogal alta que antecede a consoante que é palatalizada na forma oral.

No PB, há uma regra de palatalização que, segundo a Teoria Autossegmental, pode ser formalizada da seguinte forma, conforme se observa em (1):

(1) Regra de palatalização segundo a Teoria de Autossegmental



Essa representação permite observar que o traço coronal presente nas consoantes / t / e / d / está ligado ao nó PC em uma posição mais alta. O traço coronal, por sua vez, presente na vogal / i /, encontra-se ligado um pouco mais

abaixo do nó PV, o qual se liga ao PC por meio de um nó VOCÁLICO intermediário. Este domina, então, também os traços de altura da vogal, ligados ao nó de *abertura*. O traço coronal presente na vogal / i / converte o traço [+ anterior] da consoante para [- anterior], resultando, assim, a palatalização de / t / e / d / como um verdadeiro processo de assimilação.

Em relação ao acréscimo da semivogal ‘ u ‘ à vogal ‘ o ‘, observou-se nos textos infantis um número bem maior de casos, principalmente quanto à palavra ‘pessouas’. Nota-se que os alunos das duas séries também criaram o ditongo ‘ou’ diante de contextos possíveis para o surgimento da semivogal posterior.

Dados como esses têm trazido importantes evidências para as discussões relativas à aquisição da escrita, uma vez que são capazes de revelar a aplicação de regras da língua já inferidas pelas crianças. Por essa razão, dada a relevância dos erros decorrentes da supergeneralização, esses casos serão discutidos no capítulo seguinte.

5 DISCUSSÃO DOS DADOS

Ao procurar compreender o processo a partir do qual a criança constrói seu conhecimento sobre o sistema ortográfico do português, o capítulo que aqui se inicia espera oferecer uma contribuição aos estudos já existentes sobre questões lingüísticas do período da aquisição da escrita assim como também deseja contribuir para com a discussão de aspectos que dizem respeito à fonologia do português brasileiro.

Para tanto, este capítulo se estrutura em torno de duas seções. A primeira, dividida em duas partes, trata da discussão de duas variáveis que se mostraram decisivas para a supressão das semivogais dos ditongos orais mediais, de acordo com resultados estatísticos do programa GOLDVARB 2001, a saber, *contexto fonológico* e *tipo de escola*. Na segunda seção, são tratados os erros de supergeneralização envolvendo os ditongos orais mediais.

5.1 Discussão das variáveis *contexto seguinte* e *tipo de escola*

Dentre as diferentes variáveis utilizadas para avaliar o comportamento dos grupos vocálicos, duas estarão sendo discutidas nas subseções 5.1.1 e 5.1.2, a saber, *contexto seguinte* e *tipo de escola*.

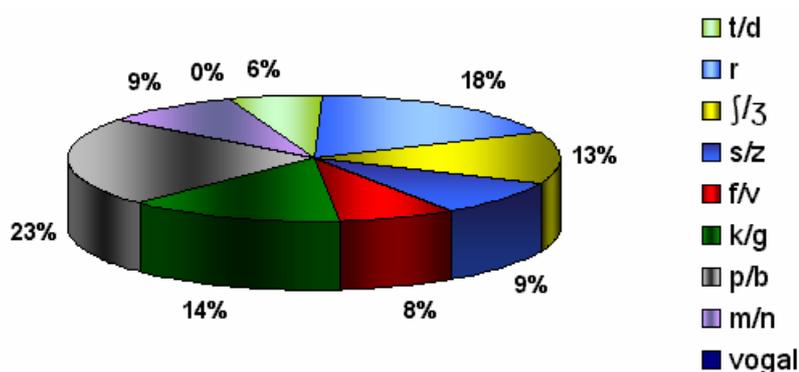
5.1.1 A variável *contexto seguinte*

Estudos variacionistas bem como os de aquisição oral e escrita têm revelado que, no que concerne ao tratamento dado aos falsos ditongos, mais precisamente quanto à sua monotongação, o fator *contexto seguinte* tem se mostrado decisivo para a não-realização, oral ou escrita, das semivogais que

integram esse grupo vocálico. Neste estudo, em três rodadas diferentes realizadas pelo GOLDVARB 2001– uma envolvendo os ditongos ‘ei’ e ‘ou’, e outras duas envolvendo esses mesmos ditongos separadamente – essa variável foi eleita pelo programa sempre em primeiro lugar como fator decisivo para a supressão das semivogais.

Como se pôde constatar na descrição dos dados realizada no capítulo anterior, algumas consoantes mostraram-se altamente favorecedoras para o apagamento das semivogais ‘i’ e ‘u’ dos ditongos ‘ei’ e ‘ou’ na escrita infantil. A fim de melhor visualizar os percentuais de monotongação referentes a cada grupo de consoantes submetido à análise estatística, apresenta-se o GRÁFICO a seguir. Faz-se necessário trazer a informação de que os percentuais expressos no GRÁFICO 1 referem-se ao cômputo geral dos dois ditongos analisados, quando da primeira rodada feita pelo programa. Evidentemente que, quando rodados os dados separados relativos aos diferentes tipos de ditongos, devido à sua natureza, os percentuais mudam, razão por que serão discutidos a seguir separadamente.

GRÁFICO 2 – Percentuais de monotongação dos ditongos ‘ei’ e ‘ou’ na escrita infantil considerando-se a variável *contexto seguinte*



Percebe-se, pelos percentuais, que as consoantes mais favorecedoras da monotongação nos textos analisados foram, respectivamente, as plosivas bilabiais / p / e / b /, a líquida não lateral / r / e as velares / k / e / g /. Embora o gráfico não traga esta informação, vale destacar que os contextos / p /, / b /,

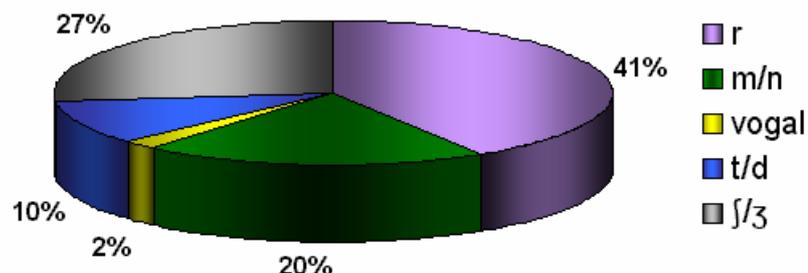
/ k / e / g / correspondem ao ditongo 'ou', enquanto o contexto / r / refere-se basicamente ao ditongo 'ei'.

Os estudos variacionistas bem como aqueles sobre aquisição da escrita, já mencionados no percurso desta pesquisa, têm revelado que tanto o ditongo [ej] quanto o [ow] devem ser analisados separadamente, uma vez que a monotongação da semivogal posterior é um processo de largo emprego na língua e é observada em todos os contextos, enquanto a supressão da semivogal de [ej], ao contrário, é bem mais limitada, restringindo-se a contextos específicos, como / Σ /, / Z / e / r /, e mais raramente / m /, / n / e / g /. Por essa razão, passa-se agora à discussão desses dois ditongos.

5.1.1.1 O ditongo *ei*

As pesquisas existentes na literatura relativas à supressão da semivogal do ditongo [ej], na fala, têm revelado a forte tendência das consoantes / Σ /, / Z / e / r / em se correlacionar estritamente com a aplicação da regra. Estudos como os de Paiva (1996), Cabreira (1996) e Araújo (2000), entre outros, apontam para esse fato. Na escrita, os resultados desta pesquisa revelaram, igualmente, pelos altos índices de supressão, conforme se verifica no GRÁFICO apresentado a seguir, que as consoantes recém citadas também foram os principais contextos diante dos quais 'ei' perdeu a semivogal.

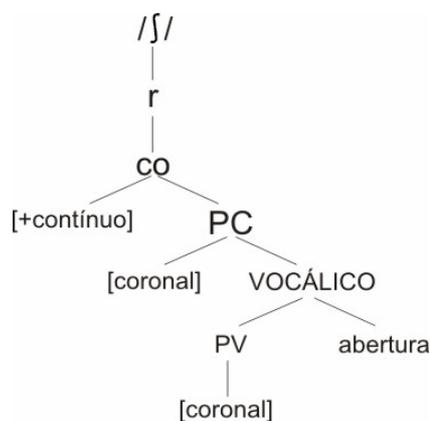
GRÁFICO 3 – Percentuais de monotongação do ditongo 'ei' na escrita infantil considerando-se a variável *contexto seguinte*



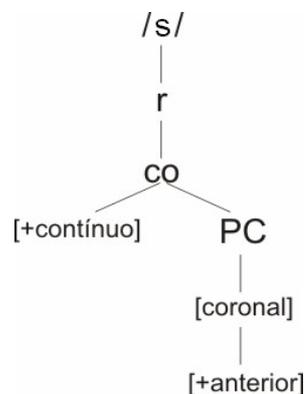
Como se observa no GRÁFICO 3, o grupo de consoantes diante do qual o ditongo 'ei', na escrita infantil, apresentou o segundo maior número de ocorrências de supressão da semivogal foi o formado pelas palatais / ʃ / e / ʒ /, mais precisamente a [- sonora], as quais somaram 27% do total de monotongação. Bisol (1989, 1994), para esse grupo de consoantes, propõe a hipótese do espriamento do nó VOCÁLICO presente nas palatais para explicar o surgimento do glide.

A noção de nó articulador, proposta por Clements (1991), agrupa traços hierarquicamente, com base no articulador que os executa. Os segmentos são representados com uma organização interna, como a de (2) e (3), por exemplo. Sob a dominância de um nó de ponto de consoante (PC) e de um nó de ponto de vogal (PV), respectivamente, encontram-se esses articuladores, os quais se diferenciam devido às diferentes posições na representação arbórea em que se encontram.

(2) Consoante complexa



(3) Consoante plena



Ao compararem-se essas estruturas, percebe-se que (2), representada por uma consoante palatal, possui traços secundários os quais se encontram ligados ao nó mais baixo, PV, que é, como dito anteriormente, o ponto de vogal. É por essa razão que, para Bisol, somente as consoantes complexas, e não as simples, apresentadas em (3), oferecem condições para que haja o espriamento responsável pelo surgimento do glide. No entanto, será visto a seguir, quando discutida a monotongação de 'ei' diante de / r /, que as líquidas,

conforme a proposta de Matzenauer-Hernandorena (1995), também podem desencadear o espriamento do nó VOCÁLICO.

Assim como os resultados dos estudos variacionistas e os de aquisição, deve-se salientar que também os dados da escrita, considerados para essa análise, amparam a proposta defendida por Bisol (1989, 1994), uma vez que, no corpus pesquisado, um percentual considerável de palavras apresentou supressão da semivogal anterior do ditongo 'ei' em contexto no qual se verifica a presença das palatais; e reforçam a suposição de que o ditongo, diante desses contextos, realmente possui apenas uma vogal na forma subjacente, como sugerem as observações feitas a seguir, apoiadas nos dados encontrados.

Além dos casos em que o ditongo 'ei' foi reduzido à simples vogal, como em 'peixe' e 'dexaram', entre outros, foi observado que, nos textos analisados, várias palavras, em cuja escrita convencional não se verifica a presença do ditongo, foram redigidas com a semivogal 'i', como mostram alguns exemplos expressos em (4).

(4) peicharam

feixar

peixo

Nesses exemplos, observa-se que a semivogal veio grafada em ambiente que, segundo a proposta de Bisol, motivaria o surgimento desse segmento. Embora esteja se tratando aqui apenas de dados referentes ao ditongo 'ei', vale destacar que foram detectados também casos envolvendo o ditongo 'ai', nos quais, assim como houve a supressão da semivogal, os alunos redigiram-na diante dessa consoante, como se evidencia em (5):

(5) taixa

aicha (acha)

caichoeira

Além dessa constatação oferecida pelos dados da escrita infantil, outra evidência que atesta essa proposta pode ser conferida nos exemplos expressos em (6). Em tais palavras, que possuem na subjacência a vogal alta responsável pelo glide, o grafema ‘i’ não foi devidamente expresso.

(6) fetiço

esketi

Ainda que as formas em (6) tenham uma seqüência de vogais na subjacência e, na superfície, não sofram nenhum processo de monotongação por constituírem, conforme Bisol, um ditongo fonológico, observou-se a supressão da vogal. Chama a atenção, no entanto, o fato de em todas as ocorrências verificadas a consoante seguinte ser uma plosiva coronal que, no dialeto estudado, sofre um processo de palatalização devido à presença da vogal alta [- post], / i /.

Esses dados poderiam indicar a tentativa de evitar a seqüência Vi.Ci., uma vez que esta consoante, por ter sofrido palatalização, passa a ter em sua configuração um PV. Poderia-se pensar que isso se deu por efeito do Princípio do Contorno Obrigatório¹.

Não se pode deixar de mencionar que os fenômenos observados, monotongação, epêntese, apagamento, indicam que a tarefa da criança é bastante complexa e, nesse movimento, observa-se a construção do conhecimento sobre a fonologia da língua.

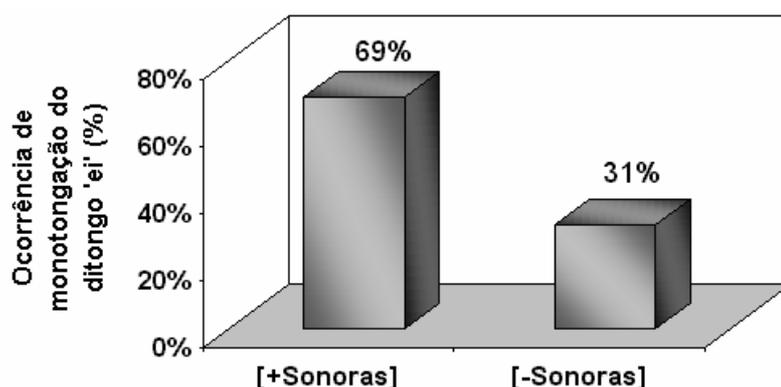
Face aos resultados expressos no GRÁFICO 2, relativos à monotongação de ‘ei’ diante da consoante / r /, pode-se pensar que, devido a esse ditongo estar passando por um processo já comprovado de forte redução diante desse contexto no registro falado, dados os altos índices comprovados por vários autores, esteja havendo uma interferência na grafia desses grupos

¹ (Obligatory Contour Principle) – OCP – Este Princípio foi proposto por Leben (1973) e, segundo a sua formulação, elementos adjacentes idênticos – traços ou nós - são proibidos.

vocálicos pelos alunos, já que palavras como ‘pagodero’, ‘dinhero’, ‘pandero’ e ‘tornera’ são bastante freqüentes nos textos dessas crianças.

Ao fazer-se um levantamento nos dados do ditongo ‘ei’ diante das diferentes consoantes para averiguar uma possível interferência da sonoridade na monotongação, constatou-se que as consoantes [+ son], quando comparadas às [- son], influenciaram fortemente à supressão da semivogal ‘i’, conforme se verifica através dos índices expressos no GRÁFICO 4 apresentado a seguir.

GRÁFICO 4 – Influência da sonoridade para a supressão do ditongo ‘ei’ na escrita infantil



As consoantes [+ sonoras], a saber, / d /, / Z / / r / e / m /, foram responsáveis pela monotongação de 69% das palavras nas quais se observou esse fenômeno, enquanto apenas 31% dos vocábulos foram reduzidos em ambiente de [- sonoras], especialmente diante de / Σ / e / t /.

Apesar de faltarem evidências que dêem conta do surgimento do glide no ambiente de tepe, ao contrário daquelas que Bisol apresenta para justificar o surgimento desses segmentos diante de palatais, dois argumentos sugerem que [ej] não existe na estrutura profunda quando seguido de líquida não lateral. O primeiro argumento da autora parte da hipótese da existência de uma relação de metátase em que a vogal / a / do sufixo -ário (primário) alterne, na derivação, com / ej /, do sufixo -eiro (primeiro), por um processo de

espraiamento, o qual é o responsável pela conversão de / a / em / e /. A explicação dada pela autora pode ser conferida a seguir:

“A vogal alta do sufixo /-ario/ é desligada de sua posição para ser associada à vogal da rima precedente. No ponto da derivação em que a regra ocorre, isto é, em que a vogal / i / é associada à sílaba precedente, a sonorante R é uma consoante não plenamente especificada. Então, o processo de espraiamento que também converte / a / em / e / não viola uma das condições básicas da fonologia autosegmental... (pág. 194)”

Para Bisol, existe evidência de que o espraiamento do traço anterior, que muda / a / em / e / ocorra através do segmento –R, pois –*éria* é um alomorfe do sufixo –*ária*. Dessa hipótese, no entanto, provém um problema advindo da teoria morfológica: os morfemas –*ario* e –*eiro* carregam certa diferença de significado, embora relacionados pelo sentido.

A autora, para explicar a presença do glide nesse ambiente, vale-se também da escala da soância: “líquidas são a categoria mais próxima do fim da escala de soância e parecem possuir características vocálicas (p. 196)”. Na concepção de Bisol, “considerando-se a organização de traços binários, existe, entre a vogal e a líquida R (tepe), um vazio que pode ser preenchido por um glide (p. 196)”. A representação dessa idéia pode ser visualizada por meio de (7):

(7)	e	(j)	r	o	
	+	-	-	+	silábico
	+	+	-	+	vocóide
	+	+	+	+	aproximante
	+	+	+	+	soante

Embora Bisol reconheça que ambas as hipóteses sugeridas para explicar o surgimento do glide, por espraiamento ou inserção, sejam insatisfatórias, parece vir da escala da soância a solução para o problema. É sabido que as líquidas são a categoria mais próxima do fim da escala de soância e possuem, por isso, características vocálicas, como se observa em (8), conforme Bisol (1989, 1994).

(8) Escala de Soância para as Soantes**N < L < R < G < V**

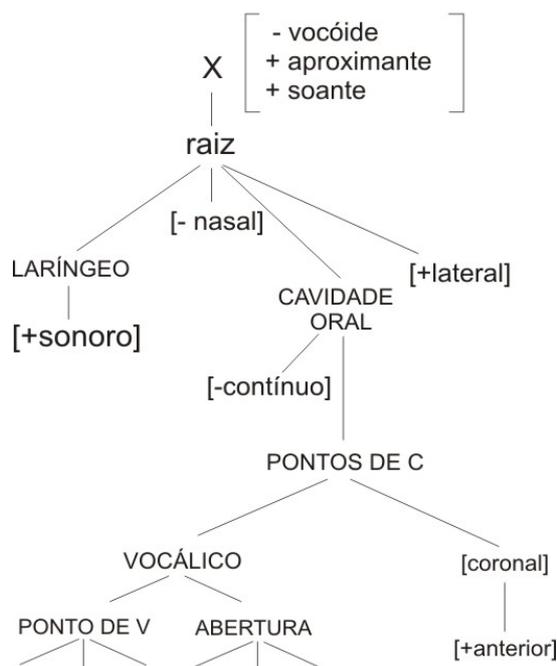
Se considerada a proposta de escala criada por Bonet & Mascaró (1996), segundo a qual as líquidas não-laterais compartilham com os glides o mesmo estrato na escala, sendo vizinhos das vogais, é possível reforçar a proposta da autora.

Segundo ponto de vista semelhante, Matzenauer-Hernandorena (1995), ao discutir o comportamento das líquidas nos dados de aquisição, propõe a existência, na estrutura subjacente dessas consoantes, de um nó VOCÁLICO. Para a autora,

“... na estrutura das líquidas, também pode estar presente, no processo de aquisição, o nó VOCÁLICO, que é a marca das vogais, ou seja, a presença, no nó de raiz, dos traços [+ aproximante] e [+soante] implica a possibilidade da existência, na estrutura do segmento, também do nó VOCÁLICO. Esse fato seria decorrente da imanência dos traços maiores” (pág. 105).

A estrutura das consoantes líquidas, segundo Matzenauer-Hernandorena (1995), está expressa em (9):

(9) Estrutura das consoantes líquidas segundo Matzenauer-Hernandorena (1995)



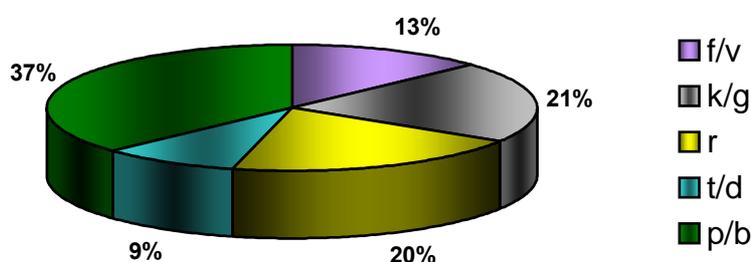
Através dessa estrutura é possível entender como se daria, então, o surgimento do glide. Através de um processo assimilatório que se dá no 'tier' melódico, o traço alto dessa consoante é compartilhado por dois segmentos seguintes, criando, assim, o glide por um processo assimilatório. A consoante / r / e a vogal, então, compartilham dois traços [+ alto] e [- posterior]. Isso faria aparecer um glide entre os dois segmentos, ligando as duas sílabas com um verdadeiro processo de assimilação.

Nesse sentido, da mesma forma que o nó VOCÁLICO da consoante palatal motiva o surgimento do glide nos casos de caixa e peixe, por exemplo, pode-se sugerir que o nó VOCÁLICO da líquida não-lateral motiva o surgimento do glide nas formas acima mencionadas, conforme sugere Bisol (1989, 1994).

5.1.1.2 O ditongo *ou*

Por ser um ditongo muito freqüente na língua e por ser reduzível em todos os contextos, o ditongo [ow] vem perdendo, em praticamente todos os dialetos do português brasileiro, a distinção entre pares como: couro/coro, roubou/robô. Quanto à supressão da semivogal posterior desse ditongo, o contexto seguinte, assim como no caso do ditongo [ej], também se mostrou decisivo para a aplicação da regra da monotongação, como revelam os resultados expressos no GRÁFICO a seguir.

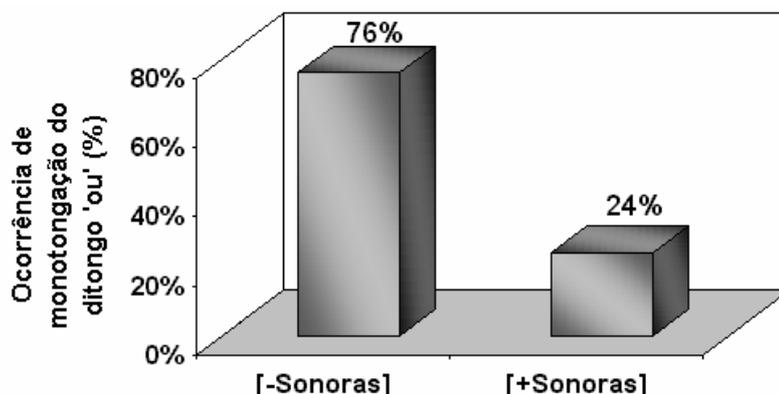
GRÁFICO 5 – Percentuais de monotongação do ditongo ‘ou’ na escrita infantil considerando-se a variável *contexto seguinte*



Pode-se observar, pelos índices, que as consoantes plosivas labiais / p / e / b / foram aquelas diante das quais o ditongo ‘ou’ maior índice de redução apresentou. Diante desses contextos, as crianças deixaram de grafar a semivogal posterior em 37% das palavras nas quais foi observada a monotongação. Em seguida, aparecem as consoantes velares / k / e / g / , mais especificamente a [- son], com 21% de supressão. Essa afirmação pode ser feita já que não foram constatados casos de supressão diante da consoante [+ son].

A influência ou não do traço [sonoro] também foi averiguada para a monotongação do ditongo ‘ou’, conforme se observa no GRÁFICO apresentado a seguir.

GRÁFICO 6 – Influência da sonoridade para a supressão do ditongo ‘ou’ na escrita infantil

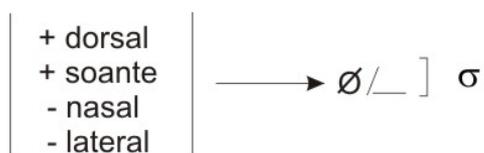


Ao contrário dos resultados do ditongo ‘ei’ quanto à influência ou não do valor do traço [sonoro] das consoantes, os quais apontaram as [+sonoras] como determinantes para a aplicação da regra, os resultados encontrados para o ditongo ‘ou’ são contrários. Pelo percentual de 76%, pode-se constatar que as consoantes [-sonoras], para esse ditongo, parecem ter sido decisivas para a supressão da semivogal ‘u’ na escrita infantil. As consoantes [+son] foram responsáveis apenas por 24% da monotongação nos textos analisados.

Com relação à discussão acerca da representação subjacente do ditongo [ow], como já mencionado anteriormente, Bisol considera esse grupo vocálico como fonológico; no entanto, para a autora, essa capacidade distintiva vem se perdendo, uma vez que pode ser substituído pela vogal ‘o’ em qualquer contexto. Trata-se, na interpretação de Bisol, de um caso de reanálise, e considerar como tal esse fenômeno significa atestar que os falantes não possuem mais na subjacência a forma [ow].

Baseando-se em estudos de aquisição, Bonilha, no entanto, contesta essa hipótese. Segundo a autora, crianças em tenra idade produzem formas como [‘pasu] e [‘xupa], para ‘passou’ e ‘roupa’, respectivamente, que seriam geradas por um processo de apagamento do núcleo silábico. Da mesma forma, Costa (2005) acredita que subjacentemente a forma [ow] existe, assim como crê que pronúncias com a vogal apenas sejam derivadas de uma regra como a expressa em (10).

(10)



Pode-se pensar o fato de as autoras atribuírem ao ditongo [ow] de formas verbais, como em 'passou' e 'cantou', e ao ditongo [ow] de outras categorias gramaticais, como 'roupa' e 'tesoura', o mesmo status fonológico, não levando em conta a informação morfológica contida no *-u* das formas verbais. Dados de aquisição de escrita mostram que as crianças tratam diferentemente a seqüência 'ou' de verbos e nomes. No caso dos nomes, observa-se o apagamento da vogal alta, enquanto no caso dos verbos, além do apagamento, verifica-se também a substituição de 'u' por 'l', fenômeno não observado nos nomes.

Por outro lado, em relação à monotongação desse ditongo em palavras que o apresentam em posição medial, observou que são vocábulos de uso bastante freqüente, como 'roupa' e 'vassoura', por exemplo. Essa constatação pode sugerir que realmente não existe a vogal alta na subjacência responsável pelo glide, conforme sugere Bisol. O fato, então, de aparecerem formas grafadas com o ditongo pode ser decorrência da interferência das atividades de leitura e de escrita a que a criança está exposta. Por essa razão, pode-se pensar que a escrita seja responsável pela manutenção das formas variantes na linguagem oral.

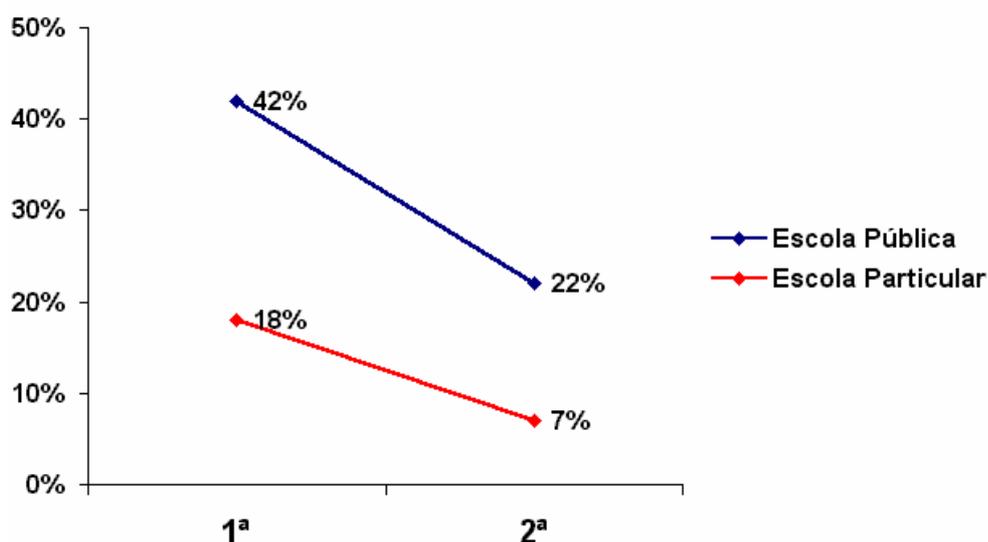
5.1.2 A variável *tipo de escola*

A busca por explicações que justifiquem a alta ocorrência de supressão das semivogais dos ditongos orais mediais na escrita infantil passa pela investigação da atuação de fatores, não apenas lingüísticos, mas também de extralingüísticos, uma vez que estes podem estar aí interferindo tanto quanto

os primeiros e, conseqüentemente, podem acabar refletindo diretamente na escrita das crianças através desse tipo de erro ortográfico. Nesse sentido, ao considerarem-se os resultados dos dados oferecidos por esta pesquisa, acredita-se que a supressão desses grupos vocálicos não pode ser compreendida apenas levando-se em conta aspectos estruturais como aqueles analisados no capítulo antecedente, como o contexto seguinte aos ditongos, por exemplo, já que o fenômeno sob investigação revelou receber forte influência de variáveis não lingüísticas evidenciadas pelo programa estatístico utilizado, como *tipo de escola*.

Assim, ao focalizar-se essa variável, perceberam-se algumas diferenças quanto ao desempenho das crianças na produção escrita desses grupos vocálicos. Diferentes rodadas realizadas permitiram captar algumas informações interessantes em relação à escrita dos alunos pertencentes às duas instituições escolares. Por exemplo, enquanto a escola pública apresentou probabilidade sempre superior a **.60**, a escola particular, por sua vez, obteve probabilidade inferior a **.38**. O GRÁFICO seguinte permite visualizar o efeito causado nas duas primeiras séries do ensino fundamental quanto à influência do tipo de escola.

GRÁFICO 7 – Efeito da influência da variável *tipo de escola* sobre a monotongação do ditongo ‘ou’ na escrita infantil



Percebe-se que, na escola pública, os erros, que somavam 42% na primeira série, caíram mais que a metade no ano seguinte; na particular, por sua vez, dos 22% de supressão das semivogais ocorridos no primeiro ano, constatou-se uma queda bem mais acentuada em relação à mesma série da escola pública, ou seja, apenas 7%. Esses resultados são reveladores no sentido de que se pode constatar a informação já comprovada em vários estudos, como os de Mollica (1998), Alvarenga et al (1989) e Rocha (1988), de que as crianças pertencentes a escolas particulares apresentam uma melhor performance quanto à manutenção das semivogais dos ditongos em se comparando às da escola pública.

Rocha (1988), em seu estudo sobre a grafia dos ditongos 'iu' e 'éu' por crianças de séries iniciais, apurou que os alunos que freqüentam escola particular apresentaram sempre um melhor rendimento escrito quanto à manutenção das semivogais que aos da escola pública. Também constatada pela autora foi a questão da diferença em termos globais, em pelo menos um ano, do atraso dos alunos da escola pública em relação aos da escola particular.

Além de ser evidente a diferença existente entre a performance dos alunos das duas escolas, o Gráfico 7, por outro lado, revela um fato positivo comum às duas instituições: à medida que eles progridem no sistema escolar, a tendência de redução dos erros na grafia dos ditongos aumenta em ambas as instituições, revelando, nesse sentido, um processo gradual, ainda que mais lento na escola pública, de aquisição do padrão ortográfico da língua.

Os dados desta pesquisa, portanto, reforçam a idéia de que alunos de escolas particulares tendem a apresentar, conforme registra Mollica (1998), um melhor desempenho na escrita no que diz respeito à taxa de ocorrências de formas canônicas. Estudos como os de Cunha (2005) e Miranda (2004) vêm a corroborar essa afirmação, dado o fato de que, ao analisarem-se diferentes casos de erros na grafia espontânea de crianças pertencentes ao mesmo corpus estudado, pôde-se constatar a flagrante diferença no desempenho ortográfico dos alunos das duas instituições.

O fator escolaridade dos pais também foi apontado por Cunha (2005) como o possível responsável pelos altos índices de segmentações não convencionais detectados nos textos, ao pesquisar o processo de hipo e hiper-segmentação na escrita infantil dos alunos da escola pública. Abaurre (1991), da mesma forma, salienta a interferência desse fator agindo sobre a escrita infantil, ao afirmar que alunos das escolas particulares controlam melhor os critérios de segmentação na escrita espontânea do que os que freqüentam escola pública.

Fato que não pode ser ignorado é o nível de escolarização dos pais de alunos de escolas particulares ser mais elevado do que os da escola pública. Quanto a esse aspecto, sabe-se que a grande maioria dos pais dos alunos da escola pública estudada apresenta escolaridade primária, raramente secundária, quando não são analfabetos. Por sua vez, os pais dos alunos da escola particular possuem, na sua maioria, curso superior completo.

Necessário faz-se mencionar a informação de que, embora os alunos com mais problemas na escrita quanto à grafia dos ditongos pertençam à escola pública, essa instituição, conforme referido no Capítulo 3, é reconhecida pela sua boa qualidade de ensino além de possuir um projeto político-pedagógico para séries iniciais muito semelhante ao da escola particular. Trazer esse dado se faz importante para não se sobrepor a idéia já consensual na sociedade segundo a qual a escola pública apresenta sobre a baixa qualidade de ensino, mas para reforçar a idéia sugerida aqui de que o contato com o material escrito, muitas vezes atribuído à influência dos pais, pode ser um fator decisivo para o bom rendimento e melhor desempenho do aluno na escrita.

5.3 Os casos de supergeneralização

Sob a ótica da aquisição da língua escrita, os casos de supergeneralização detectados nos textos infantis têm revelado, na verdade, o

conhecimento lingüístico dessas crianças ao fazerem generalizações ortográficas indevidas, ao mesmo tempo em que têm servido como importantes ferramentas para lingüistas e interessados em aquisição da ortografia entenderem melhor o processo de construção ortográfica e as relações estabelecidas pelos alunos quando da preferência por determinada forma gráfica.

Os casos de supergeneralização aqui discutidos referem-se a palavras nas quais não se constata a presença gráfica do ditongo na escrita convencional, mas que, nos textos infantis analisados, apareceram redigidas com esses grupos vocálicos. Ainda que em número reduzido de palavras, se comparado ao percentual de casos de omissão da semivogal, a interpretação que se abstrai desse fenômeno indica uma sinalização de que os alunos que cometeram esses erros estão passando por um processo evolutivo na aquisição gradativa das formas convencionais de se grafarem os ditongos. Prova disso advém do fato de que, no corpus analisado, foram constatados casos envolvendo apenas os três ditongos passíveis de redução. Ou seja, as crianças estenderam a regra que, se em dado contexto a semivogal pode ser omitida sem, com isso, trazer problemas de significado, podem inseri-la no mesmo contexto.

Menn & Stoel-Gammon (1997) referem-se à supergeneralização considerando-a um marco da verdadeira aprendizagem da regra. Logo, no percurso gradativo de aquisição ortográfica desses ditongos pelo qual passam as crianças, estas, ao estenderem regras, como as mencionadas acima, em contextos interpretados por elas como possíveis para a aplicação, como o fizeram em 'taixa', 'morreiram' e 'pessouas', por exemplo, parecem ter sido levadas a redigir essas formas por critérios que são próprios do sistema da escrita, baseadas evidentemente em palavras semelhantes, como 'caixa' e 'dinheiro', e não por influência da língua falada, já que elas, em situação de oralidade, produziriam 'taxa', 'morreram' e 'pessoas' sem o ditongo.

Esse tipo de inferência que leva a criança a grafar palavras, como as que foram detectadas nesse estudo, provavelmente é decorrente do

entendimento que já possui dos princípios do sistema ortográfico adquiridos na escola. Especificamente, quanto aos exemplos nos quais os alunos grafaram palavras com a semivogal anterior, percebe-se que eles se valeram de um conhecimento já inferido, advindo da observação de que diante do contexto de / Σ /, em vocábulos de uso bastante freqüente na leitura e escrita, como 'caixa' e 'peixe', devem ser grafados com ditongo. Isso mostra que o que estão fazendo, na verdade, é a busca pela regularidade da escrita. Os casos de supergeneralização envolvendo a semivogal anterior servem também de evidência para se defender o argumento apresentado anteriormente (cf. seção 5.1.1) de que as consoantes palatais motivam o surgimento do glide.

Em relação aos casos nos quais os alunos criaram ditongo 'ou' em palavras como 'bouca', 'boua' e 'goustou', por exemplo, pode-se pressupor que eles se valeram do conhecimento que as atividades de leitura e escrita fornecem a respeito da variedade de contextos diante dos quais esse grupo vocálico aparece, dado o número de palavras em que se constatou a grafia de 'ou', já que, em situações de fala, vocábulos com a presença desse ditongo não são produzidos.

Como dito algumas vezes neste trabalho, existe uma forte tendência de os falantes do português brasileiro reduzirem, na forma oral, o ditongo [ow] em todos os contextos fonológicos, de maneira que, conforme Bisol (1989), a distinção entre pares como couro/coro, ouro/oro já se perdeu. A criança em fase de alfabetização, por já possuir um conhecimento a partir das atividades de leitura e escrita propostas em casa ou na escola, pode ser levada a pensar que, se todo 'ou' pode passar a 'o', na fala, todo 'o' pode ser, conseqüentemente, escrito como 'ou'. Esse entendimento, entretanto, nesse período em que se encontra de apropriação do código escrito, pode levar o aprendiz a cometer erros de escrita, como os que foram detectados nas produções analisadas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de pesquisa apresentou a descrição de dados referentes à grafia dos ditongos orais mediais em textos produzidos espontaneamente por crianças de duas primeiras séries do ensino fundamental da cidade de Pelotas/RS. Através dos resultados obtidos por meio de análise estatística, buscou contribuir para a compreensão a respeito do processo de aquisição gráfica desses grupos vocálicos e, por consequência, oferecer subsídios para a discussão acerca de seu status no português brasileiro.

Assim, os resultados das variáveis selecionadas pelo programa e também aqueles concernentes aos casos de supergeneralização descritos, analisados e discutidos nos dois capítulos precedentes permitiram se chegar a algumas conclusões acerca da representação gráfica dos ditongos orais mediais, as quais, agora, serão apresentadas resumidamente.

Em relação às conclusões gerais, pode-se dizer que:

- Comparando-se o comportamento dos diferentes ditongos orais mediais nos textos infantis analisados, pôde-se constatar que apenas quatro deles, a saber, 'ai', 'ei', 'ou' e 'éu', sofreram apagamento ou acréscimo das semivogais 'i' e 'u'. Os demais ditongos não apresentaram redução ou outro tipo de erro envolvendo a sua representação gráfica. Desses quatro grupos, o ditongo 'ou' foi o que se mostrou mais problemático para as crianças, dados os altos índices percentuais de monotongação obtidos, seguido dos ditongos 'ei', 'ai' e 'éu', respectivamente.

- A constatação feita no item anterior vai ao encontro do que outros estudos sobre a grafia dos ditongos, como os de Mollica (1998) e os Alvarenga et al (1989), e também sobre os da variação, como os de Cabreira (1996), revelaram sobre o comportamento dos três ditongos fonéticos: tanto na fala quanto na escrita, a supressão da semivogal de 'ou' se dá diante de todos os contextos fonológicos, a de 'ei' em contextos bem mais específicos, e a redução de 'ai', em apenas um único ambiente.

A respeito das conclusões específicas, pode-se afirmar que:

Sobre o ditongo *ai*:

- Dentre os quatro grupos vocálicos que sofreram redução na escrita infantil, o ditongo 'ai' foi o que menor percentual de ocorrência apresentou (cf. TABELA 1). Foram observados casos de monotongação envolvendo esse ditongo apenas diante da consoante palatal / Σ /, único contexto em que esse sofre redução na fala. Estudos variacionistas, como o de Cabreira (1996), por exemplo, também apontaram [aj] como o que, dentre os três ditongos fonéticos, menores índices de supressão da semivogal apresenta.

Sobre o ditongo *ei*:

- Em relação ao ditongo 'ei', a variável *contexto seguinte* mostrou-se decisiva para a supressão da semivogal desse grupo vocálico. Nesta pesquisa, as consoantes / r / e / Σ / mostraram-se altamente favorecedoras da monotongação. A partir dos percentuais oferecidos pelo programa, constatou-se que a consoante / r /, igualmente ao que ocorre na fala, foi o ambiente diante do qual 'ei' mais redução apresentou.

- Na escrita infantil podem ser verificados casos de supressão da semivogal do ditongo 'ei' diante de outros contextos não evidenciados até então pelos estudos variacionistas e pelas pesquisas que abordam a aquisição gráfica dos ditongos mencionados neste estudo, ainda que em número bem

reduzido, como diante da nasal / m / e das plosivas alveolares / t / e / d /, como revelam as palavras 'quemol', 'esquete', 'direto', por exemplo.

- Quanto à variável extralingüística *tipo de escola*, constatou-se que, dados os percentuais oferecidos pelo programa, os alunos da escola pública apresentaram uma tendência maior em não preservar a semivogal do ditongo 'ei' na escrita em se comparando aos da escola particular, tanto na 1ª quanto na 2ª série. Outros estudos, como os de Mollica (1998), Alvarenga et al (1989) e Rocha (1988), que focalizaram a grafia dos ditongos orais, mostraram resultados iguais aos deste trabalho, ou seja, as crianças pertencentes a escolas públicas apresentaram um baixo rendimento quanto à manutenção da semivogal de 'ei'.

- Em relação à variável *tonicidade da sílaba*, a probabilidade apontada pelo programa indicou que as sílabas átonas favoreceram, nesta pesquisa, a perda da semivogal quando comparadas às sílabas tônicas. Como dito anteriormente, por ser a tonicidade intensiva no português (CAMARA Jr., 1979), as sílabas átonas propiciam a perda de segmentos. Confirmando essa tendência, alguns estudos de aquisição (MATZENAUER, 1990; MIRANDA, 1996) apontaram que as sílabas átonas são mais propícias a sofrerem processos fonológicos do que as sílabas tônicas.

- Os resultados estatísticos oferecidos pelo GOLDVARB 2001, quanto à variável *categoria morfológica*, revelaram que houve uma preferência maior em as crianças suprimirem a semivogal do ditongo 'ei' em sufixos, tendência essa já comprovada no estudo de Paiva (1996). Tanto os resultados desta pesquisa quanto os da autora recém citada, entretanto, não corroboram aqueles encontrados por Cabreira (1996), uma vez que em seu estudo esse autor comprovou uma tendência maior de supressão em radicais. Um levantamento nos dados com o ditongo 'ei' seguido apenas pela consoante / r / revelou igualmente a preferência em não se manter a semivogal 'i' nos sufixos dos vocábulos nas produções escritas infantis.

Sobre o ditongo *ou*:

- A análise computacional revelou que, quanto à variável *contexto seguinte*, as consoantes que mais favoreceram a monotongação do ditongo 'ou' nos textos infantis analisados foram, na ordem, as plosivas labiais e as plosivas velares, especialmente as [- sonoras]. Neste estudo, dados os percentuais e o peso relativo oferecidos pelo programa estatístico, a consoante / p / foi o contexto diante do qual as crianças mais suprimiram a semivogal posterior de 'ou'.

- Em relação à variável *tipo de escola*, a escola pública, assim como ocorreu com o ditongo 'ei', apresentou os maiores índices de ocorrência de monotongação na escrita infantil. Os alunos da instituição particular apresentaram um melhor desempenho quanto à manutenção da semivogal posterior. Essa melhor performance pode ser atribuída ao nível de escolaridade dos pais e também ao provável contato com a escrita antes do ingresso na escola, conforme já sugerido por autores como Cunha (2004) e Abaurre (1991).

- Os resultados referentes à variável *série* mostraram que é no primeiro ano escolar que os alunos mais dificuldade apresentaram em manter a semivogal posterior do ditongo 'ou', especialmente os da escola pública. Na segunda série, os casos de monotongação caíram consideravelmente em ambas as escolas, comprovando a tendência natural de os alunos reduzirem os erros na grafia dos ditongos à medida que progredem no sistema escolar.

Sobre o ditongo *éu*:

- Dos quatro ditongos que apresentaram redução nos textos analisados, 'éu' é o único que, ao contrário dos demais, não apresenta supressão da semivogal posterior na fala e parece não constituir problemas maiores aos aprendizes da escrita, resolvendo-se já na segunda série. Por ser um ditongo verdadeiro, de acordo com a proposta de Bisol (1989, 1994), esse grupo vocálico parece reduzir-se à simples vogal apenas na escrita, já que não existem registros desse grupo vocálico sofrer redução na fala. O maior número

de ocorrências de supressão foi observado em um único vocábulo, a saber, na palavra ‘chapeuzinho’, em textos produzidos por alunos da primeira série da escola pública. Na série subsequente, apenas um caso de supressão da semivogal foi observado, nessa mesma palavra.

Sobre os casos de supergeneralização:

- No corpus analisado, foram encontrados casos em que as crianças de ambas as séries investigadas inseriram indevidamente as semivogais ‘i’ e ‘u’ após uma vogal em palavras nas quais não se constata a presença gráfica do ditongo. Constatou-se que os alunos criaram um ditongo em contextos que, segundo a proposta de Bisol (1989, 1994) a respeito dos ditongos fonéticos e a de Matzenauer-Hernandorena (1995) sobre as líquidas, favorecem, no caso dos ditongos ‘ai’ e ‘ei’, o surgimento dessas estruturas.

- Quanto ao acréscimo da semivogal ‘u’ à vogal ‘o’, foi observado um número maior de ocorrências, em se comparando aos outros dois casos recém citados. Acredita-se que, em relação a esse último caso, as crianças tenham sido levadas a grafar tal estrutura devido ao seu conhecimento já adquirido através do contato com a leitura e com a escrita a respeito da presença desse grupo vocálico na sua língua.

A hipótese de Ferreiro e Teberosky (1999), fundamentada na teoria piagetiana a respeito do status atribuído ao sujeito durante o processo de aprendizagem, isto é, de que a criança é ativa no processo de construção sobre a escrita, pode ser confirmada através dos resultados obtidos neste estudo. Ao utilizarem-se muitas vezes de estratégias para grafarem os ditongos, constatadas aqui principalmente nos casos de supergeneralização, os alunos revelam sua competência lingüística ao tentarem apropriar-se das regras ortográficas do português por eles já aprendidas.

Do ponto de vista da ação pedagógica, esta pesquisa representa uma contribuição importante ao trabalho dos professores responsáveis pela alfabetização, uma vez que, detectados os erros mais comuns envolvendo os

ditongos e os contextos diante dos quais ocorre com mais freqüência a supressão das semivogais, ou, ao inverso, a inserção indevida desses constituintes silábicos, podem dar um tratamento diferenciado aos alunos, através da elaboração de exercícios específicos que visem, primordialmente, à superação desses problemas. Nesse sentido, instrumentalizado o professor, este poderá definir melhor os procedimentos a serem adotados, a fim de levar seus alunos a vencerem as dificuldades relativas à grafia dos ditongos que, como se disse anteriormente, sofrem redução ou apresentem outro tipo de erro gráfico.

Ainda que esta dissertação seja um ponto de partida para outras pesquisas mais aprofundadas acerca do processo de aquisição gráfica dos ditongos orais mediais, espera-se que possa contribuir para a realização de novos estudos sobre as relações existentes entre o sistema da nossa língua e o sistema ortográfico do português. Espera-se, também, que possa servir de ferramenta para professores, pesquisadores e interessados nessas áreas, dispostos em melhor compreender este período tão importante caracterizado, sobretudo, pela complexidade da apropriação do código escrito.

7 REFERÊNCIAS

ADAMOLI, M. A. **O que a grafia de palavras inventadas revela sobre os ditongos?** Trabalho apresentado no IV Seminário Nacional sobre Linguagem. Pelotas, UCPel, nov., 2005.

ABAURRE, M. B. **O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito?** Anais do GEL, 1987.

____. **A relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses sobre segmentação na escrita infantil.** Boletim da ABRALIN, 1991.

____. Horizontes e limites de um programa de investigação em aquisição da escrita. In.: Lamprecht, Regina Riter (Org): **Aquisição da Linguagem – Questões e Análises.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

ALVARENGA, D. et al. **Da forma sonora falada à forma gráfica da escrita: uma análise lingüística do processo de alfabetização.** Cadernos de estudos lingüísticos, Campinas, nº 16, 1989.

ARAÚJO, M. F. R. de. **Considerações sobre a monotongação do ditongo decrescente [ey] no dialeto de Caxias (MA).** R. Letras, PUC-Campinas 19, 2000.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023: informação e documentação: referências – elaboração.** Rio de Janeiro, 2002.

____. **NBR 10520: apresentação de citações em documentos: procedimentos.** Rio de Janeiro, 2002.

BISOL, Leda. **O ditongo na perspectiva da fonologia atual.** D.E.L.T.A., vol. 5, n. 2, p. 185 – 224, 1989.

____. **Ditongos derivados.** D.E.L.T.A., v. 10, n. Especial, p.123-140, 1994.

____. **O Ditongo em Português.** ABRALIN, (11), 1991.

BONET, E. & MASCARÓ, J. **On the representation of contrasting rhotics.** Unpublished ms. Universidade Autônoma de Barcelona, 1996.

BONILHA, Giovana. **Aquisição dos ditongos orais decrescentes: uma análise à luz da Teoria da Otimidade**. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras), UCPel, Pelotas, 2000.

CABREIRA, S. H. **A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre**. 1996. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, PUCRS, Porto Alegre, 1996.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Lingüística**. São Paulo: Scipione, 2002.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1972.

____. **Para um estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CHOMSKY, N. & HALLE, M. **The sound pattern of english**. New York: Harper & Row, 1968.

CHOMSKY, Carol. **Reading, writing and phonology**. *Harward Education Review*, Cambridge, v. 40, (2): 287-309, may 1970.

CLEMENTS, G. N. **Place of articulation in consonants and vowels**. Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory, n. 5, p. 37 – 76, 1991.

COLLISCHONN, Gisela. A sílaba em Português. In: Bisol, L. (org.). **Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro**. Porto Alegre, EDIPURS, p. 95-130, 1996.

COSTA, C. F. **Fonologia lexical e controvérsia neogramática: análise das regras de monotongação de /ow/ e vocalização de / I / no PB**. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras), Porto Alegre, 2003.

COUTINHO, I. L. **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 7ª edição, 1976.

COUTO, H. H. do. **Ditongos crescentes e a ambissilabidade em português**. *Letras de Hoje*, v. 29, nº 4, 1994.

CUNHA, A. P. N. da. **A Hipo e a Hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia**. Pelotas, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, 2004.

FARACO, Carlos Alberto. **Escrita e Alfabetização**. São Paulo: Contexto, 2001.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Editora Cortez, 2003.

FREITAS, M. J. **Aquisição da estrutura silábica do português europeu**. 1997. Tese (Doutorado) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 1997.

GUIMARÃES, M. R. **Um estudo sobre a aquisição da ortografia nas séries iniciais**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UFPel, Pelotas, 2005.

HERNANDORENA, C. L. M. **Sobre a descrição de desvios fonológicos e de fenômenos da aquisição da fonologia**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 30, n.4, p.91-110, 1995.

____ & LAMPRECHT, Regina R. **A hierarquia de restrições na aquisição de padrões silábicos do português**. Trabalho apresentado no II Congresso Internacional da ABRALIN. Florianópolis: UFSC, fev, 1999.

KATO, Mary. MOREIRA, Nadja; TARALLO, Fernando. **Estudos em Alfabetização: Retrospectiva nas áreas da Psico e da Sociolingüística**. Juiz de Fora: Pontes, 1998.

____. **No mundo da escrita**. São Paulo: Ática, 2002.

LEMLE, Mirian. **Guia teórico do alfabetizador**. São Paulo: Ática, 2004.

MASSINI-CAGLIARI, Gládis e CAGLIARI, Luiz C. **Diante das letras – A escrita na alfabetização**. Campinas, SP: Mercado de Letras; ALB; São Paulo: FAPESP, 1999.

MATZENAUER, Carmem Lúcia. **A aquisição da fonologia do português: estabelecimento de padrões com base em traços distintivos**. 1990. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, PUCRS, Porto Alegre, 1990.

____. Bases para o entendimento da aquisição fonológica. In LAMPRECHT, R. R. (org). **Aquisição fonológica do português**. São Paulo: Editora ARTMED, 2004.

MENEGHINI, F. M. **O fenômeno da Monotongação em Ibiacá**. Porto Alegre, 1983. Dissertação (Mestrado em Letras), PUCRS, 1983.

MENN, L. & STOLEL-GAMMOM, C. Desenvolvimento Fonológico. In: FLETCHER, P. & MAC WHINNEY, B. **O Compêndio da linguagem da criança**. Porto alegre: Artes Médicas, 1997.

MEZZOMO, C. L. **Aquisição dos fonemas na posição de coda medial do português brasileiro em crianças com desenvolvimento fonológico normal**. 1999. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1999.

MIRANDA, Ana Ruth. **A aquisição do 'r': uma contribuição à discussão sobre seu status fonológico**. Porto Alegre, 1996. Dissertação (Mestrado em Letras) – PUCRS, 1996.

____. O sistema ortográfico do português brasileiro e sua aquisição. Relatório parcial FAPERGS, 2004.

MOLLICA, M. C. **Influência da fala na alfabetização**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

MORAES, Arthur. **Representaciones Infantiles sobre la Ortografía del Portugués**. Tese de doutorado não publicada. Universidade de Barcelona, Espanha, 1995.

MORAES, M. C. A. L. **Um estudo dos ditongos orais em português**. São Paulo, 1978. Dissertação (Mestrado em Letras) – PUCSP, 1978.

MOREIRA, N. R.; PONTECORVO, C. Chapeuzinho/Cappulletto: as variações gráficas e a norma ortográfica. In: FERREIRO, E; PONTECORVO, C.; MOREIRA, N. R.; HIDALGO, I. **Chapeuzinho vermelho aprende a escrever**. São Paulo, Ática, 1996.

NUNES, Terezinha. **Leitura e Escrita: Processos e Desenvolvimento**.

PAIVA, M. C. A. **Supressão das semivogais nos ditongos decrescentes**. In: OLIVEIRA E SILVA, G.M & SCHERRE, M.M.P. (orgs.) **Padrões sociolingüísticos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

PEREIRA, E. C. **Gramática Expositiva**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, ed., 1957.

RANGEL, G. A. **Variação do ditongo decrescente "ey" na fala de pelotenses**. 1997

____. Aquisição do sistema vocálico do Português Brasileiro. 2002. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2002.

ROCHA, I. L. V. **A grafia de ditongos por crianças de séries iniciais: alguns problemas e comparações**. Porto Alegre, Letras de Hoje, nº 2, junho de 1998.

ROCHA LIMA, C.H. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: F. Briguit E. Cia. Editores, 3^a, ed., 1959.

SCHERRE, M. **Introdução ao pacote Varbrul para microcomputadores**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. **Princípios do Sistema Alfabético do Português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2003.

TASCA, M. **A lateral em coda silábica no sul do Brasil.** Porto Alegre, 1999. Tese de Doutorado – PUCRS, 1989.

VARELLA, N. K. **Na aquisição da escrita pelas crianças ocorrem processos fonológicos similares aos da fala?** Porto Alegre, 1993. Dissertação (Mestrado em Letras) – PUCRS, 1993.